

JAIR ANTONIO DE OLIVEIRA

MEMORIAL DESCRITIVO DE CARREIRA DOCENTE

CURITIBA

Agosto de 2019

JAIR ANTONIO DE OLIVEIRA

MEMORIAL DESCRITIVO DE CARREIRA DOCENTE

Memorial Descritivo apresentado à Comissão Permanente de Pessoal Docente como requisito parcial para Progressão Funcional por avaliação da Classe Associado IV para TITULAR (Resolução Nº 10/14 - CEPE - Universidade Federal do Paraná).

CURITIBA

Agosto de 2019

SUMÁRIO

1. Dados pessoais.....	4
2. Memórias.....	5
3. Da Academia.....	26
4. Anexos.....	62

1. Dados Pessoais

Jair Antônio de Oliveira

Nome em Citações Bibliográficas: OLIVEIRA, J.A.

Filiação: Jair Batista de Oliveira e Wanda Chropacz

Nascimento: 30 de novembro de 1957 / São Mateus do Sul – PR - Brasil

Endereço profissional: Universidade Federal do Paraná
Departamento de Comunicação Social. Setor de Artes, Comunicação e Design. Rua Bom Jesus, 650 - Campus Juvevê . CEP 80035-010 - Curitiba, PR - Brasil Telefone: (41) 3313 2005.

Graduado em Comunicação Social e em Letras Português - Inglês pela Universidade Católica do Paraná (UCP), Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e Pós-Doutor em Pragmática Linguística pela UNICAMP. É professor efetivo nível Associado IV na Universidade Federal do Paraná onde atua no ensino de graduação (habilitações em Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade). É o atual Coordenador do Curso de Relações Públicas da UFPR e coordena o Grupo de Pesquisa "Mídia, Linguagem e Educação" credenciado pela UFPR e registrado junto ao CNPQ. É membro do Grupo de Pesquisa "Linguagem e Identidade - Abordagem Pragmática" coordenado pelo professor Dr. Kanavillil Rajagopalan no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) na Unicamp e membro associado à International Pragmatics Association -IPRA. Foi Assessor de Imprensa na Câmara Municipal de Curitiba. Tem experiência na área de Comunicação Social (Jornalismo e Relações Públicas) com ênfase em Pragmática. Atua, principalmente, com os seguintes temas: Pragmática e Jornalismo / Pragmática e Relações Públicas e Comunicação organizacional.

Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/8151657985072899>

2. Memórias

“Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco”. (Memórias Póstumas de Brás Cubas).

Dito isso, sou obrigado a iniciar este Memorial pelo suposto uso vulgar, ou seja, começar pelo meu nascimento. As considerações que me levam a adotar o trivial revelam a falta de competência em repetir o estilo irônico e pessimista do mestre Machado, bem como a ausência de qualquer dom profético ou messiânico, como *Moshe*. Certamente, motivação por parte dos meus pais existiu ao escolher para mim o nome hebraico *Ya'ir* (iluminado) mas, em 1957, o mundo estava dividido entre os “comunistas” e os “capitalistas” e os escolhidos eram Eisenhower e Kruschev. Pouco restava para um vivente em São Mateus do Sul, Paraná, no auge da estagnação econômica do município com o final do ciclo da navegação do Rio Iguaçu. Somente mais tarde a Petrobrás iria implantar uma usina experimental para o aproveitamento do xisto existente no município e dar um grande impulso no desenvolvimento industrial da região. Sem estudar a ciência que trata da etimologia, transformação e classificação dos nomes próprios, Onomástica, associei a escolha de meu nome ao do meu próprio genitor e “Antônio de Oliveira” como uma homenagem aos ascendentes de ultramar de meu pai. Resta saber se foi uma reverência ao então Presidente do Conselho de Ministros de Portugal, António de Oliveira Salazar ou ao Padroeiro da Cidade de Lisboa, Santo António. Penso que esta foi a opção para o preito, pois enquanto o primeiro se tornou célebre por mandar os seus inimigos para a Praça-Forte de Peniche, o segundo orava por eles.

Um dia, ao buscar a história das tendências políticas familiares encontrei vários Semanários Nacionalistas em uma pasta que pertenceu ao meu pai. Soube, então, que o Jair, pai, quando morou na Região Norte do Estado, nas cidades de Cianorte, Peaberu e Campo Mourão (era Gerente do antigo Banco Mercantil e Industrial do Paraná) participou de reuniões de grupos políticos e religiosos na região. Pelo bem ou pelo mal, pois não sei se religião e política devem/podem

caminhar juntas, isso resultou na interrupção de uma carreira bancária promissora para o meu pai e uma reviravolta na vida familiar.

Mais tarde, quando Neil Armstrong e Buzz Aldrin alunissaram o módulo lunar *Eagle* em 20 de julho de 1969, a família estava morando na periferia de Curitiba e apesar do grande feito de engenharia que foi a conquista do satélite natural da terra, o Bairro do Boqueirão fazia jus às origens de seu nome: "um covão". Quando chovia era preciso usar galochas e o local era um verdadeiro "sapário" intransitável.

O fato é que tive uma primeira infância com benesses e agora, dificuldades. Deveria estar com 12 anos, a memória é "ruim" para lembrar o que não é prazeroso (alguém disse isso na história da Psicanálise), quando ganhei de uma tia querida 5000 cruzeiros (apesar dos zeros, pouco valia). Resolvi investir o dinheiro em uma caixa de isopor e fui vender picolés nas ruas do Boqueirão. Saía de casa pelos fundos, pois tinha vergonha das meninas que moravam na esquina, Sirlene e Soênia; a primeira disse que me amava, mas eu gostava da segunda, talvez pelo exotismo de seu nome. Vender é uma arte e logo percebi que não tinha vocação. Tanto me escondi por causa dos sorvetes que perdi a namorada; então, repassei a caixa para outro menino por 1500 cruzeiros: prejuízo certo e primeira lição na realidade do mercado.

Estudei no Colégio Victor do Amaral, próximo à Igreja do Carmo, onde fiz o curso Ginásial e o Segundo Grau (Técnico em Administração). O certificado de conclusão do curso de datilografia que obtive no colégio está carinhosamente guardado. Um dia, na aula de Língua Portuguesa, do querido professor Ayrton celestino (pesquisador da imigração Bucovina para o Brasil), declamei o poema "Os Sapos", de Manuel Bandeira. Até hoje não sei se foi uma espécie de Ode ao local em que residia ou apresentação de trabalho escolar: "Enfunando os papos/ Saem da penumbra/ Aos pulos, os sapos/ A luz os deslumbra". Só mais tarde soube a importância dos batráquios para a vida curitibana, em um texto de Cassiana Lacerda:

"O SAPO já foi o símbolo de Curitiba, ou melhor, do curitibano, no início do século XIX, habitante que povoava a cidade cheia de pântanos e rios. Foi motivo de orgulho e esteve presente nos textos literários simbolistas. Por ser símbolo do curitibano, com a chegada de imigrantes que ocuparam o centro, especialmente o Largo da Ordem, o representante do curitibano aparece em charges do sapo sendo expulso para bairros longínquos. Nossa poesia simbolista resgatou o caráter sofrido e marginal do feio sapo e, Curitiba foi a capital do simbolismo, que adotou esse símbolo. A revista "O Sapo" de 1898, foi uma forma de elogiar o habitante típico de

Curitiba, então uma cidade povoada de sapos e de apontar o caráter marginal do poeta. A revista traz, inclusive, um 'Hino ao Sapo'. Esses mesmos sapos com a chegada dos imigrantes foram obrigados a sair do centro. Em 1888, a Galleria Illustrada já mostra a população curitibana sem espaço como sapo, diante da chegada dos alemães, quando o Pátio da Capela, depois Largo da Ordem, passou a ser chamado de Largo dos Alemães e os sapos desapareceram do centro. O sapo, mesmo feio, representou bem o curitibano e sua cidade cheia de pântanos e a literatura do período”.

Ao lado das partidas de futebol nas várgeas da região, frequentava a Biblioteca Pública do Estado. Não tinha 15 anos de idade e a entrada só era permitida para a Seção Juvenil. O meu sonho era a Seção central com os livros proibidos, talvez os de anatomia. De qualquer modo, foram momentos agradáveis lendo Tintim e Karl May, autor de “As Aventuras no Curdistão Bravio”. Certa ocasião, iniciei o projeto de ler todas as obras da Seção seguindo um critério alfabético para os títulos dos livros. Desisti em “Abacate”. Mas, não deixei de ler todos os exemplares encadernados de Seleções do *Reader Digest* referentes ao período da Segunda Guerra Mundial. Sem estreiteza com o *Persea Americana* acabei no compadrio com a *Pax Americana*.

Quando completei 15 anos, em 1972, o *début* foi por meio da Loja Frischmann's, “O Amigão”, onde fui contratado como “aprendiz”. Infelizmente, não fui bem recebido pela sociedade curitibana, pois o emprego consistia em entregar avisos de cobrança nas casas dos clientes e frequentemente era recebido com xingamentos e a recusa do destinatário em assinar o livro protocolo. Depois de alguns meses de convívio quase pacífico adotei uma estratégia para evitar novos contratemplos: colocava o aviso sob a porta da residência ou em outro local estratégico junto ao muro e registrava: morador não estava em casa! Esse livro protocolo é um registro para o estudo do modo refratário do curitibano com estranhos à porta!

Em 1973, uma vizinha que trabalhava como secretária na Coesa Equipamentos avisou-me que precisavam de um “mensageiro” na empresa. Não hesitei um minuto: o salário era o dobro daquele que recebia como aprendiz e a “tal da aprendizagem” era apenas em relação aos nomes de ruas da cidade e de nomes inadimplentes com o “Amigão”. Depois, com o novo emprego, levaria mensagens mais amistosas. A Internet ainda estava longe de ser implementada e logo passei a ser operador de Xerox e depois auxiliar no Departamento Administrativo. Meu zelo pelas “coisas devidamente arrumadas” sobre a escrivaninha – um TOC moderado, diga-se, chamou a atenção do gerente administrativo e logo estava cuidando do almoxarifado com

material de consumo dos escritórios da matriz e filiais. Passei a ter contato com gráficas para cotação de formulários e demais materiais impressos e isso foi um grande impulso na decisão que tomaria posteriormente rumo à prensa móvel de Gutenberg.

Na família, há muito o pai não estava mais conosco. A mãe trabalhava fora como empregada doméstica: limpava, passava roupas e hábil cozinheira, logo era disputada pelas madames do Batel. No final do dia sempre trazia para casa pães frescos, algumas guloseimas e um exemplar de jornal que os assinantes já tinham descartado. Na época, acompanhei a Guerra do Vietnam lendo o 'Estado de São Paulo'. Eu, aos 17 anos, "era um velho" com responsabilidades. Alistei-me na Marinha, pois adorava ouvir o Cisne Branco, em especial a primeira estrofe: "*Qual cisne branco que em noite de lua, vai deslizando num lago azul, O meu navio também flutua, nos verdes mares de Norte a Sul*". Fui dispensado por excesso de contingente e decidi fazer um curso superior ou ingressar em uma ordem religiosa. Escolhi a *Ordo Fratrum Minorum*, O.F.M., também conhecida por Ordem de São Francisco, Ordem dos Franciscanos, afinal, era devoto de Santo António. Fiz uma longa carta expondo os meus motivos e logo recebi uma resposta sincera: deveria refletir mais e verificar se os meus dons eram realmente para a vida sacerdotal e cheia de sacrifícios ou desistir de vez da ideia. Desisti. Ganhou a Santa Igreja.

Quanto ao curso superior, devido à concorrência de outros candidatos e a minha absoluta ignorância em matemática, física, química, biologia – quase tudo; mas com uma intensa paixão pela Literatura e pela História, tinha consciência de que não passaria em um concurso vestibular em universidade pública. A opção foi a antiga Universidade Católica do PR e não me arrependi. O curso de Letras tinha um quadro docente muito bom (quase todos, futuros professores da UFPR) e só não foi melhor porque no segundo ano do curso fui convidado a concorrer como presidente do DACTCH – Diretório Acadêmico de Teologia e Ciências Humanas.

Ainda estava em vigor o Decreto-Lei nº477 que proibia manifestações de caráter político e atividades "subversivas" nas universidades. Com o nome "Chapa 77", uma alusão ao ano e não ao dispositivo governamental, ingressei na política estudantil. Tive como primeiro vice-presidente, José de Jesus Gonçalves Bambil, depois professor do CEFET e UFTPR, advogado do Sindicato de Professores; e como tesoureiro, o futuro padre redentorista, Miguel Luiz Schwab Ceschini.

Era 1977, o ano em que Elvis morreu. Aqui na aldeia, comecei a entender o que era política estudantil quando entrei em contato com os movimentos políticos universitários, especialmente, os integrantes do Grupo Libelu (Liberdade e Luta) de tendência trotskista, que eram muito bons em rotular os militantes de outras tendências ideológicas como "direitistas" (ainda não era moda chamar os adversários de fascistas).

Não tinha muito tempo para o diretório acadêmico, pois precisava trabalhar durante o dia a fim de pagar a mensalidade do curso de Letras, que funcionava à noite. Em certa ocasião, entram em minha sala de aula duas pessoas que se identificam como funcionários da Caixa Econômica: estavam divulgando um programa de financiamento escolar criado em 1976, "O Crédito Educativo". O benefício, além de custear a mensalidade, também garantia um valor de auxílio a cada trinta dias. Nas circunstâncias não lembrei a frase de Thomas Jefferson: "A política é uma praga tal que eu aconselho todos a não se meterem nela". Logo solicitei o Crédito, pedi a demissão de meu emprego, e passei a atuar exclusivamente no diretório acadêmico.

Lembro-me bem o que disse a minha mãe naquele momento: "a escolha é sua, mas não tenho como lhe auxiliar financeiramente". Arnaldo Bloch disse que a mãe judia tem o dom da ubiquidade e nunca larga do pé do filho, que, frequentemente, sente-se, onde estiver, vigiado por um semblante no céu de qualquer cidade (com o advento do celular e do Skype, a coisa se agrava). Assim, também são as mães polacas. De qualquer forma, essa opção resultou em mudanças qualitativas e quantitativas, com problemas e soluções, e mais uma vez muda o rumo de minha vida. Mais tarde, quando tomei ciência da Pragmática, soube que os "motivos" de nossas ações não são facilmente identificáveis, pois estão interligados à rede de crenças e desejos individuais, numa espécie de *continuum*.

Com mais tempo para as articulações acadêmicas, organizei juntamente com os colegas do diretório acadêmico, um evento que teve boa repercussão na época: o 1º Ciclo de Ciências Humanas, com 10 palestras de renomados intelectuais brasileiros, de 24 a 28 de outubro de 1977. Entre os palestrantes, Lúcia Santaella, Décio Pignatari, Maurício Tragtenberg, Eduardo Prado de Mendonça, Juan Morino Mosquera, Francisco Gomes de Matos, Urbano Zilles e Dom Antonio de Pádua Cheuiche, futuro Arcebispo de Porto Alegre e um dos nomes mais progressistas da Igreja gaúcha. Assim, reunimos em um evento a *intelligentsia* e o espectro ideológico da política brasileira;

todos os acadêmicos fomos vencedores com os resultados. Eu, inclusive, ganhei uma menção no fichário da Delegacia de Ordem Política e Social, o DOPS. Minha reputação agora estava salva; era um militante fichado.

Hilário é constatar que se encontram registradas em várias pastas do DOPS, agora no Arquivo Público do Estado, as mínimas coisas realizadas ao longo dos anos, por exemplo: "Em 08.12.77 – Nesta data foi expedido of. N°1491/77 a UCP solicitando a qualificação do fichado". Embora a direção da UCP não interferisse diretamente nas atividades estudantis, parece que não deixou passar a oportunidade de se mostrar "simpática aos olhos" de um sistema que já estava em seus últimos estertores.

O fato é que de crise em crise vivíamos e como Presidente do DATCH não deixei de organizar o tradicional Baile das Calouras, no Jockey Club do Paraná. Quando a minha namorada, à época, resolveu participar do concurso, não antevi boa coisa. De fato, o pai da menina era um dos mais antigos e competentes garçons do Bar e Restaurante "Lá no Pasquale", fundado em 1957. No dia do Baile das Calouras o "Velho" estava a serviço do Clube e a cada cerveja que servia comentava que a filha era candidata. Os integrantes do júri, o "seu Agábio" conhecia todos. O resultado é que a menina foi escolhida a "Rainha dos Calouros de 1977" e eu fiquei com a imagem de ter "facilitado" as coisas, embora não tivesse movido um dedo! Ninguém ousa questionar um garçom em dia de baile, aprendi.

Melhor romper o namoro e na adversidade descobri que a UCP iria reestruturar o seu curso de Comunicação Social, que na época tinha uma periodização de apenas seis semestres, com habilitação simultânea em Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda. Fiz o vestibular e nem me preocupei como iria pagar as mensalidades, afinal, o curso de Relações Públicas trabalha com a gestão de crises.

Entramos em 1978 e com outro curso superior iria conciliar a Literatura e o Jornalismo. Ao preparar a documentação para fazer a matrícula na Comunicação, o primeiro problema: em 21 de fevereiro de 1978 requeri uma Certidão negativa de Antecedentes Políticos e Sociais, nome pomposo para uma declaração atestando que o cidadão é de boa índole política. A certidão foi negada, mas era uma condição necessária para fazer a matrícula. Como já era aluno da UCP apelei para os conhecidos na época, a então Coordenadora do departamento

acadêmico- DACA, professora Ivete. Preocupado em não conseguir fazer a matrícula, relatei a minha situação e a minha interlocutora respondeu: "besteira desses milicos, não se importe. Usaremos os documentos que estão em sua pasta no curso de Letras". E à deriva continuei, mas 1978 foi um ano que não terminou.

Conseguí uma bolsa de estudos da própria UCP para pagar as mensalidades do curso de Comunicação e quando foi publicado o edital para a eleição de novas diretorias acadêmicas, eu e os colegas, que éramos criticados pela esquerda e pela direita, resolvemos organizar um grupo chamado PAI – Partido Acadêmico Independente e lançar uma chapa para concorrer ao DACJS – Diretório Acadêmico de Ciências Jurídicas e Sociais: o centro acadêmico com maior número de alunos e o que tinha os maiores recursos. O problema é que um estudante de Comunicação Social jamais seria aceito como "cabeça de chapa" na eleição, pois a tradição era escolher um aluno do curso de Direito. O impasse durou pouco e encontramos uma saída "à brasileira". O colega Sadi Bonatto cursava Direito, mas era funcionário do Banco do Brasil, onde tinha um cargo de chefia e não tinha tempo integral para política estudantil. Aceitou ser o presidente e eu como 1º vice faria as articulações políticas para a gestão 1979/1980.

Em 1979 aconteceu em Salvador (BA), nos dias 29 e 30 de maio, o 31º Congresso Geral da União Nacional dos Estudantes (UNE), chamado "Congresso da Reconstrução" (a União Nacional de Estudantes estava na ilegalidade desde a promulgação da Lei nº 4464/64, chamada de a Lei Suplicy de Lacerda). Devido ao clima de clandestinidade que ainda reinava e pela própria manipulação dos grupos mais à esquerda, a divulgação prévia do evento foi restrita. Assinei a Ficha de Filiação do DACJS junto a UNE e nos empenhamos para indicar um estudante para uma das chapas concorrentes: NOVAÇÃO (Convergência), LIBERDADE E LUTA (POI-TNAE), UNIDADE (MR-8/PCB). Infelizmente, o sectarismo desses grupos foi unânime. Mais uma lição que aprendi dos "camaradas". Restava a Chapa Maioria, de tendência direita, que aceitou a nossa indicação para uma das vice-presidências. O colega Edson Feltrin, depois advogado trabalhista e futuro assessor do Prefeito Maurício Fruet, foi o nosso representante no evento. Em seu discurso, repudiou a intolerância ideológica universitária e recebeu uma sonora vaia, mas destacou a posição ideológica independente do nosso grupo.

Em campanha pela "Reestruturação da UNE" fizemos um roteiro de visitas pelas Faculdades do Estado. Ainda tenho guardado as anotações: Guarapuava (50 cartazes), Cascavel (100 cartazes). Não tivemos votos, pois as escolas não receberam urnas ou autorização/pedido para votação, mas a UNE ressurgiu e as árvores da praça central da cidade de Guarapuava amanheceram cobertas de cartazes da Chapa Maioria; até hoje, tento imaginar a reação dos moradores locais diante da poluição visual.

O clima era de redemocratização e resolvemos realizar um evento de acordo com as circunstâncias: "Semana Nacional de Atualização Política". Convidamos o professor Domingo Laino, um dos principais opositores ao Governo Strossner no Paraguai, o General Hugo Abreu, que ocupara a Chefia do Gabinete Militar no Governo Geisel e por não concordar com a indicação do General Figueiredo para a sucessão presidencial passou para a reserva e confabulava com a oposição, o professor Edgar Carone, um dos maiores estudiosos do marxismo no Brasil, Dom Romeu Alberti, Bispo de Apucarana (PR) e com um intenso trabalho social na região, Gernote Kirinus, então deputado e incansável defensor dos trabalhadores rurais da região oeste do Estado do PR. Na ocasião, também convidamos Dom Hélder Câmara para participar do evento e recebemos a resposta que a agenda do Arcebispo de Olinda e Recife estava lotada nessa data. Estávamos "curiosos" para saber como a direção da UCP receberia um dos fundadores da CNBB, coisas da juventude.

Depois dos convites era preciso achar um local para as apresentações. Procuramos o Pró-Reitor de Assuntos Estudantis que, ao ver a lista de palestrantes falou: "Só tem vermelho, aqui"! E fomos improvisando: a palestra com o professor Domingo Laino aconteceu no Hall do Prédio de Ciências Humanas da Universidade, ao lado da Cantina. Laino discursou para "meia dúzia" de alunos e fez severas críticas à ditadura paraguaia e ao apoio do Brasil as perseguições política no continente. Dias depois, ao retornar ao seu país, Laino foi preso e confinado em uma solitária na região do Chaco paraguaio. A Universidade, para "limpar a barra" com o governo, organizou uma palestra no Salão Nobre com a presença do Embaixador do Paraguai para falar sobre as "Amistosas e Democráticas Relações Bilaterais entre os países do Cone Sul". Após a fala do Embaixador, pedimos a palavra em nome do DACJS e denunciemos a prisão de Laino e as condições sub-humanas de sua carceragem. Tudo isso foi decorrente da primeira noite do evento.

Para a palestra mais aguardada, do General Hugo Abreu, conseguimos o auditório da Igreja do Guadalupe, ao lado da antiga Rodoviária de Curitiba. Casa cheia durante a conferência, mas não tenho certeza se eram alunos ou os integrantes da Polícia Judiciária, “incomodados” com a movimentação de Hugo Abreu – uma cautela do sistema com as articulações políticas, como bem resumiu o jornalista Élio Gaspari:

“Contrariado com a escolha feita por Ernesto Geisel (1974-1978) para sua sucessão na Presidência, o chefe do Gabinete Militar, general Hugo Abreu, demitiu-se do governo assim que foi comunicado que o presidente seguinte seria o general João Baptista Figueiredo. Abreu chegou a escrever para Geisel denunciando o que seria “uma bem urdida manobra” para impor a indicação de Figueiredo ao Colégio Eleitoral – feito que, na opinião do militar, constituía uma “grande farsa”. Para ele, decidir-se por Figueiredo dividiria as Forças Armadas e os levaria “a descer na escala hierárquica”, já que, como general de divisão, faltaria ao futuro presidente a quarta estrela de general de exército. Abreu criticava o “esquema palaciano” e apoiava, de maneira moderada, a escolha de um civil para a Presidência – no comunicado que escreveu a Geisel, chega a mencionar Ney Braga e Aureliano Chaves como possíveis sucessores civis. Em janeiro de 1978, Geisel, por precaução, solicitou a seu secretário, Heitor Ferreira, que organizasse “um *dossiê* de tudo o que vem sendo publicado em relação à demissão do Hugo e suas consequências”.

Sempre gostei da palavra “*serendipity*” (acaso), e, certo dia, estava na sede do Diretório Central dos Estudantes quando o telefone tocou. Uma professora de História estava à procura um estudante para substituí-la no Colégio Rui Barbosa durante a licença de seu casamento, algo em torno de três semanas. Como dinheiro não cai do céu e nem do Diretório Acadêmico, aceitei a empreitada. As aulas eram à tarde, uns 15 alunos, senhoras de mais idade. Teve início a minha carreira no magistério e desses poucos dias como “professor de História” lembro-me, ainda, com certo constrangimento, quando uma das senhoras perguntou o que era o “estoicismo”? Reagi como um estóico (o estoicismo ensina o desenvolvimento do autocontrole e da firmeza como um meio de superar emoções destrutivas), mas não soube responder. Depois, tornei-me admirador do Imperador Marco Aurélio e de uma de suas frases: “Muitas vezes erra não apenas quem faz, mas também quem deixa de fazer alguma coisa”; que considerei um sinal divino para “tomar tento” na vida e como um grande ensinamento para não deixar projetos inacabados, como aquele em que eu pretendi ler todas as obras da Biblioteca Juvenil. Tivesse continuado, chegaria na letra “E”: estoico!

Enquanto isso, na faculdade, as aulas eram tranquilas e foi no curso de Comunicação que conheci meu atual colega de trabalho, professor no DECOM, Elson Faxina (Relações Públicas de um grande nome da História Brasileira, Dra. Zilda Arns, fundadora da Pastoral da criança). Como estudante também conheci o futuro Vereador e Presidente da Câmara Municipal de Curitiba, Jorge Bernardi, então aluno do curso de Direito. Iria trabalhar 10 anos como seu assessor no Legislativo Municipal.

Na verdade, conheci uma geração de pessoas que em muito contribuíram e contribuem ainda para o Paraná, seja na área da Educação, na Comunicação e na Política. Aliás, tempos depois, conheci um jovem estudante de Pós-Graduação em Física que tinha grande interesse por Discos Voadores e pelo Efeito *Kirlian* (fenômeno ligado à eletro-fotografia) que frequentava o Gabinete do vereador Jorge Bernardi e sempre solicitava cópias "Xerox" de vários documentos. Esse jovem empreendedor irá fundar o Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (IBPEX), embrião do Grupo Educacional UNINTER, hoje um dos maiores Grupos Educacionais do Brasil no Ensino a Distância.

Em 1º de novembro de 1979, o colega no curso de Comunicação Social, Luiz Antônio Brandão, avisou-me que uma escola na cidade de Mandirituba, a 40 km de Curitiba, necessitava de professor para o Curso Técnico em Contabilidade, que funcionava no período noturno e era o único curso com esse perfil em toda a região. Como havia concluído o curso de Letras, não recusei o convite. O problema era voltar da escola para a capital, às 22h30. Não havia ônibus nesse horário e dependíamos de um professor que tivesse carro. Resolvido o problema de transporte, deslocava-me todas as noites para a escola; pela manhã, era "comunicólogo" na UCP.

Em 1º de fevereiro de 1980 consegui um estágio para o período da tarde na Volvo do Brasil. O profissional responsável pela Comunicação da empresa era um dos mais renomados profissionais das Relações Públicas do Estado, J. Pedro Correia. Mal passou alguns dias e o J. Pedro foi para a Suécia, não lembro se a serviço ou em férias, mas fiquei sozinho na assessoria. Tratei de ficar quieto para não causar problemas, que não tardaram em chegar. Uma comitiva do Senegal iria visitar a fábrica e, junto com os engenheiros da empresa, deveria acompanhá-los para fazer uma matéria para a mídia. Fiz o relato e até hoje não lembro se o texto foi publicado. Sem novas visitas, precisava fazer algo e comecei a organizar os arquivos de fotos e demais

documentos da assessoria. Quando J. Pedro retornou, avisou-me que a empresa autorizou a contratação de mais um funcionário para o setor de comunicação! Um emprego almejado, pois trabalhar na Volvo nessa época era uma maravilha: bons salários, ótimo ambiente, auxílio médico e alimentação, transporte próprio até o local de trabalho, enfim, tudo de bom. Dois dias depois, para a decepção do J. Pedro, não pelas minhas qualidades profissionais como Relações Públicas ou Jornalista, mas pela resposta ao convite: “Infelizmente não irei aceitar, pois pretendo centrar os meus esforços no magistério” e acentuei que o meu horário do estágio (não era obrigatório) e as aulas em Mandirituba estavam conflitando. O tempo apaga lembranças, mas acho que ouvi algo como “dar aulas em Mandirituba”. Deus sabe o que faz e a Volvo contratou alguém melhor para a função, o competente colega Osni Bermudes Júnior.

Quanto a mim, nesse período, também comecei a ministrar algumas aulas para os cursos supletivos nos Colégios Paulo VI e Sociedade Educacional Kennedy. Não sei como *Láquesis*, uma das moiras que determinam o destino dos homens trabalha, mas, no início de 1980 houve uma alteração no Colégio de Mandirituba. A escola era mantida pela Prefeitura local e por ser a única da região com curso técnico ao nível de segundo grau (Contabilidade), atendia à toda comunidade da região (Piên, Agudos do Sul, Mandirituba e Quitandinha). A Fazenda Rio Grande ainda era um distrito (hoje, um dos maiores municípios da região metropolitana de Curitiba). É que os professores locais, por divergências políticas com o Prefeito Manuel Juvenal da Cruz, o “Vino”, pediram demissão. Ficamos eu e o colega Luiz Brandão, apenas. Obviamente, os alunos não poderiam ficar sem aulas e sem Diretor. Após uma indicação que não foi interessante para a comunidade escolar, um abaixo assinado feito pelos alunos indicou o meu nome para o cargo de Diretor.

Era recém-formado em Letras e estava no último ano de Comunicação Social. A minha experiência anterior com gestão era apenas com o controle de material de expediente em escritório, almoxarifado e centro acadêmico; mas foi útil para colocar em ordem a documentação escolar nos arquivos e para lidar com os alunos. Fiquei dois anos nessa lida até que a escola passou para a administração do Estado e a direção foi ocupada, nos termos da lei, por um professor estatutário. De qualquer modo, “caí nas graças” da Inspetora Regional de Ensino que fiscalizava a região e isso foi útil posteriormente.

É claro que há muita história nesse período. Quando fui nomeado para a direção, o primeiro – e maior problema, era: como se locomover todas as noites para a cidade se não tinha carro e não dirigia (algo que não faço até hoje: não sei se é devido a um livro de Erich Fromm ou é puro medo do volante. Mas a frase do autor de “Ser e Ter” ainda está vívida:

“Talvez o exemplo mais gritante do fenômeno do consumismo seja o automóvel privado. O nosso tempo merece ser apelidado de «Idade do Automóvel», pois toda a sua economia tem sido construída à volta da sua produção, e toda a nossa vida é, em grande parte, determinada pela subida e descida do mercado de consumo automóvel”.

Diante do impasse e não querendo perder a promoção, precisava montar uma nova equipe de professores, mas com as amizades feitas na militância estudantil, não foi difícil. Acredito, até hoje, que o quadro docente que iniciou comigo essa empreitada foi um dos melhores que já passou pela escola. Para as aulas de Matemática e Física, Olympio de Paula Xavier, de família histórica de Ponta Grossa, filho de ex-Reitor da UEPG e atualmente professor Associado na PUC-PR. Para a disciplina de Biologia, Luiz Antonio Drulla Brandão, atual professor do Colégio Militar de Curitiba. O colega da Comunicação e que já era formado em Direito, Dalton Dória lemos Pinto, de família tradicionalíssima de Jacarezinho, PR, infelizmente já falecido, foi o personagem mais importante: era o único com carro. O seu conhecimento na área tributária foi de muito valia para as aulas de Contabilidade. Depois o colega Hélio Glaser, Paulo Kinzkowski e Cesar Galeno Pires Cordova, futuros advogados. Éramos a maior “Banca” do local.

Entramos no ano de 1982. Fui convidado por três colegas professores para compor a Sociedade Educacional CIC S/C, cujos objetivos eram a prestação de serviços em cursos supletivos de primeiro e segundo graus. A documentação já estava pronta, o bairro para o funcionamento da escola definido, mas faltava o principal: uma sede física para o estabelecimento. Coube ao sócio Luiz Cesar Ribeiro, já falecido, resolver o problema. Conseguiu um Contrato em Comodato com a SEED para utilizarmos as dependências de uma escola estadual na Cidade Industrial de Curitiba no período noturno.

O local era ideal, pois a região possuía inúmeros conjuntos habitacionais da Cohab e a maioria dos seus moradores trabalhava nas proximidades e os que desejavam fazer um supletivo à noite precisavam se deslocar até o bairro do Portão. A contrapartida para o Estado seria a liberação de Bolsas de Estudos integrais para os alunos

e que os sócios assumissem as despesas com energia elétrica, água e limpeza durante a vigência do contrato.

Assumi o pomposo título de Diretor Administrativo. Tão logo iniciamos as aulas, no início de março, estávamos com turmas completas, da 5ª série ao segundo grau. A Sociedade Educacional CIC era um bom empreendimento para a época e um investimento empresarial com futuro. O plano era obter financiamento para construir uma sede própria, pois havia demanda da comunidade, os professores competentes e o material didático excelente. Estávamos construindo uma imagem sólida de boa escola. No entanto, eu não me sentia “confortável” cobrando mensalidades (fiquei responsável pela tesouraria, também). Seis meses após o início das aulas desisti do meu cargo de Diretor/Tesoureiro e ofereci a minha parte na sociedade aos meus colegas. Acabei repassando a minha cota ao professor Evaldo Graboski, que já possuía as Escolas Rondon e Anchieta, na capital.

Conclui o bacharelado em Comunicação Social e pretendia continuar os estudos. Solicitei aproveitamento de vaga na Universidade Federal do PR e em 19 de janeiro de 1982 estava matriculado no curso de Filosofia. Escolhi as disciplinas de Lógica I, Teoria do Conhecimento I, Ética, História da Filosofia Antiga, Introdução à História I, História da Filosofia no Brasil e Estética. Desisti depois do primeiro mês de aulas pois descobri que não tinha vocação para ser “Filósofo de Carteirinha”.

Em 22 de janeiro de 1982 fiz o meu registro como Jornalista na Delegacia regional do Trabalho e recebi o número 997 (estou entre o primeiro “milhar” de profissionais registrados nessa atividade no Paraná). Anteriormente, isso era uma necessidade e serventia; hoje, com a internet, uma inquietude. De qualquer forma, o meu registro era promissor, pois de acordo com a numerologia o número 9 (nove) é o signo de ideais e o número 7 (sete) é o signo do intelecto, do pensamento e do idealismo.

Em primeiro de março de 1982 também começou o meu vínculo com o Estado para ministrar aulas pela CLT em uma relação que durou 10 anos. Com a Constituição de 1988 passei para o quadro próprio do Magistério estadual. Foi uma oportunidade extraordinária para conhecer a nossa realidade educacional. Ministrei aulas para turmas de 5ª séries ao segundo grau no Colégio Afonso Pena (São José dos Pinhais), Escola rural (Areia Branca dos Assis), Colégio Eleutério de Andrade (Quitandinha).

Era um “andante” da educação, pois as escolas das regiões mais distantes da capital tinham mais ofertas de aulas e um público receptivo. Com o passar dos anos permaneci no Colégio Afonso Pena, o mais próximo da capital, com uma carga horária reduzida no período noturno, pois durante o dia outras ocupações surgiram.

Em agosto de 1982 estava matriculado e frequentando o Curso Introdutório (um semestre de “Especialização” para os candidatos ao curso de Mestrado em Educação) no Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, na época coordenado pelo professor Verner Artur Conrado Barthelmess. Novamente, a Filosofia foi a causa de minha desistência. Somente mais tarde, por influência da professora Elena Godoy, José Borges e Kanavillil Rajagopalan “tomei gosto” por outras concepções filosóficas como o Pragmatismo, Pragmática e Desconstrução: Richard Rorty, Rajagopalan, John Austin, Jacob Mey, Jacques Derrida (afinal, a filosofia deve resolver problemas e não criar problemas).

No término de 1982 iniciei as minhas atividades como Assessor do vereador Jorge Bernardi (PMDB) na Câmara Municipal de Curitiba. Foram anos de muito aprendizado sobre a técnica legislativa e contatos com movimentos populares, especialmente associações de moradores dos bairros periféricos de Curitiba. Quando foi eleito, Bernardi já era jornalista experiente – foi “foca” do colega Luiz Paulo Maia (Lupa), ex-Vice-Diretor do SACOD (na Gestão do competente professor Dalton Razera) e atual professor no DECOM, no Jornal Correio de Notícias. Segundo o professor Luiz Paulo, Bernardi era uma espécie de “faz tudo” no jornal Diário Popular, cuja linha editorial era focada em notícias esportivas e policiais. Cobria esporte, polícia e fazia até horóscopo. Um dia desses, “Lupa” o convidou para trabalhar no Correio de Notícias: não precisaria fazer mais previsões futuras, apenas, futebol. Saliento essa experiência prévia de Bernardi, pois embora eu tenha sido contratado para ser o Assessor de Imprensa, o assessorado tinha muito mais experiência e conhecimento do que eu: no Jornalismo e nas Relações Públicas. Foi um grande professor, e muito me orgulho disso, pois levei todas as lições para a sala de aula posteriormente na universidade federal.

Lembro-me do primeiro trabalho na Câmara: fazer uma justificativa para um Projeto de Lei “Estabelecendo Condições para o cargo de Assessor de Imprensa” na Prefeitura e assim evitar que pessoas de outras áreas ou meramente por critérios políticos, assumissem essas funções. O Presidente do Sindicato dos Jornalistas era o Desidério

Peron. Lá fui, nervoso, desejando fazer um bom trabalho. O projeto foi aprovado e eu “tomei gosto” por esse gênero textual.

Como vereador, Bernardi dava toda autonomia à sua equipe e começamos a fazer contatos com outras Câmaras, especialmente das capitais, para conhecer os projetos de lei aprovados nessas cidades. Caso o projeto fosse bom, era uma questão de adaptá-lo à nossa realidade e fazer a proposição. Fui o “*ghost writer*” de algumas leis curitibanas (projetos que Bernardi sempre salientou publicamente como o resultado de trabalho em equipe). A lei de maior destaque foi a que criou dependências separadas para clientes fumantes e para não fumantes nos restaurantes em Curitiba. E que durante algum tempo foi motivo de autocrítica, pois na época eu era um apreciador de cigarrilhas.

Embora o Brasil seja um dos campeões mundiais em número de leis, a filosofia que predominava no Gabinete era a de resolver os problemas mais comuns do município. Tempos depois, a pedido da “Dona Ema”, liderança da Comunidade Menonita do Boqueirão, elaboramos outro projeto que Bernardi encaminhou para apreciação de seus pares: o que “Dispõe sobre a Implantação de Serviços de Assistência Médica Homeopata na rede de Postos Municipais”. Aprovado. Também, o que “Dispõe sobre a Instalação de Ambulatórios de Recuperação de Alcoolistas nos Postos de Saúde da Capital”, criada nos moldes de uma experiência positiva na cidade de São Paulo, onde uma equipe multidisciplinar ficava envolvida com cada paciente.

Há outros projetos aprovados e agora leis em vigor; mas os prefeitos não estavam/estão dispostos a colocar em execução essas ideias alegando falta de recursos. Na primeira etapa de meu trabalho no Legislativo Municipal também prestei serviços como assessor de imprensa para a Bancada do PMDB.

Com o tempo, percebi que as minhas atividades de assessoria estavam muito mais na área das Relações Públicas do que no Jornalismo. As lições sobre Planejamento Estratégico de Comunicação que aprendera na faculdade não eram somente teorias, mas eram procedimentos importantes para estabelecer e manter vínculos com movimentos comunitários, igrejas e associações de moradores que procuravam o apoio do vereador. Uma das estratégias de Marketing Político mais interessante que aprendi com Bernardi foi o emprego de Histórias em Quadrinhos como ferramenta em campanhas e para a prestação de contas dos trabalhos desenvolvidos à comunidade. Logo

aprendi a estruturar e a escrever HQ e mais tarde, na Disciplina de Redação III, na UFPR, iria refazer esse percurso com os alunos.

Em 1983 trabalhava durante o dia na Câmara e no período noturno ministrava aulas no Estado: três noites no Colégio Afonso Pena e uma noite no Colégio Eleutério de Andrade, em Quitandinha. É nessa cidade que me “encantei com uma polaquinha” (que não é a do Dalton Trevisan), Irene, minha esposa até hoje, mãe de meus tesouros: Marina Antoniette e João Felipe. Casei em 3 de dezembro de 1983 na Igreja Matriz de Quitandinha. Cerimônia realizada pelo vigário Padre Miguel Mikosz, pioneiro na cidade, afeto a bons e longos discursos nos atos religiosos: casamento de duas horas e meia, com convidados desmaiando ao longo do evento à espera do churrasco. Precisei de autorização dos pais da noiva em Cartório local para celebrar o casamento, pois ela tinha apenas 17 anos. Eu estava com 25, oito anos mais velho. Hoje em dia, casamentos assim são os resultados de ações judiciais.

Entramos no ano de 1984. Era, agora, “pai de família” e precisa redobrar os meus esforços. Sabendo disso, o colega e advogado Dr. José de Jesus Gonçalves Bambil, professor no Colégio Positivo, indicou-me para uma vaga nesse estabelecimento. Entrei em fevereiro de 1984 e pedi a demissão em julho do mesmo ano, apesar de ser um ótimo local de trabalho e receber bom salário. No entanto, não aguentei a jornada tripla. Passei a trabalhar o dia todo na Câmara e com proventos melhores. À noite, um horário reduzido no magistério na cidade vizinha de São José dos Pinhais para manter o vínculo com o Estado.

Em 13 de junho de 1986, Dia do Meu Padroeiro, Santo Antônio, eu e os amigos, José Bambil e Bartira Cardoso, “poetas bissexto”, lançamos o livro de poesia “Canto a Três” com o apoio da Comissão de Educação e Cultura da Câmara Municipal. O que tornou singular o evento foi o lançamento de um livro em uma Sessão Solene no legislativo Municipal pela primeira vez em 293 anos, conforme o registro nos Anais dessa Casa do dia 18 de junho de 1986 e publicação no Diário da Câmara de número 5004 de 05 de agosto de 1986. Na solenidade de abertura, o Plenário lotado com os alunos do Colégio Positivo, amigos e parentes. Com a palavra, o vereador Jorge Bernardi:

“(...) nesta noite festiva, em que, pela primeira vez, nos 293 anos desta cidade, é lançado um livro de três poetas paranaenses, em Sessão Solene nesta Casa de Leis. Senhor Presidente, minhas senhoras e meus senhores, infeliz a terra que não tem o seu poeta, o seu cantor. O poeta é aquele que transforma os feitos, os atos, em versos, é o catalisador das emoções de um povo (...)”. E na sequência falou o

Professor Leopoldo Scherner, representando a Academia Paranaense de Letras: "(...) Se Fernando pessoa estivesse vivo, estaria fazendo, hoje, 98 anos. Por muitos críticos, tido como o maior poeta da Língua Portuguesa – maior que o próprio Camões – ele nasceu em Lisboa, no dia 13 de junho de 1888. É muito sintomático que, no mesmo dia 13 de junho, seja lançado, seja feito aparecer, apareça aos olhos, à análise, ao julgamento, à crítica, ao prazer e degustação de todos o **Canto a Três**, um canto a três, os poetas são necessários, nação alguma viveu ou vive sem os seus poetas, os poetas são necessários, os bons, os verdadeiros, os autênticos, Deus nos livre chegarmos, algum dia, a não ter mais poetas: estaríamos sem quem nos mostrasse o futuro, estaríamos sem quem nos estimulasse, quando andamos certos, estaríamos sem as vozes de quem se levanta como o profeta, para denunciar os erros e a corrupção, exatamente como os profetas do Antigo Testamento diante de príncipes e reis, diante de comandantes de exércitos, diante do povo: poeta-autor, poeta-criador, poeta-profeta. Bom princípio este da Bartira, do Jair, do Bambil. Bem patrocinados pelo descortínio do presidente da Comissão de Educação e Cultura desta Casa, Sr. Vereador Jorge Bernardi – que estão sabendo, graças a Deus, que poeta é autor – o que age, criador- o que cria, profeta- o que levanta a voz para dizer a verdade. Existe, ainda, às vezes, a ideia de que o poeta é o sonhador, o nefelibata, o ausente, o alienado. No entanto, meus senhores, aqui está o que disse o poeta alemão Novalis: *Je poetischer, je wahrer*. Estamos em boas mãos, senhores vereadores, minhas senhoras e meus senhores: as mãos dos poetas, sem os quais não viveremos. Em nome do povo de Curitiba, do cidadão chamado comum e do cidadão especial, se assim quiserem, em nome do povo de Curitiba, agradeço o discernimento dos senhores vereadores de Curitiba, a partir de seu presidente, agradeço o discernimento do vereador Jorge Bernardi que, com todo o mérito, depositou confiança nestes 3 poetas: a Bartira, o Jair, o Bambil em seu **Canto a Três**, uma belíssima harmonia a três vozes. E parabéns ao editor Deloures Pires, pela coragem, pelo estímulo da publicação do livro. Afinal, ele também é poeta". Na sequência, o poeta Jair de Oliveira agradece e solicita que o presidente da Casa, Horácio Rodrigues, leia um de seus poemas (...).

Mas é preciso seguir a vida, pois sou poeta bissexto, e no ano de 1987 (17/03/87 a 11/12/87) realizei um curso de Especialização, ao nível de Pós-Graduação, na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras Tuiuti, em "Ensino de Língua Portuguesa". Na sequência, recebi um convite para ministrar algumas aulas de Linguística geral no Curso de Fonoaudiologia nessa instituição no período da manhã. Foi o meu ingresso no ensino superior e uma experiência muito boa. Trabalhei durante dois anos como professor nessa instituição.

Em 1988 (01/03/88 a 21/11/88) realizei outro curso de Especialização ao nível de Pós-Graduação, em Filosofia da Educação, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Foi gratificante debater e aprender com os professores Mário Sérgio Cortella, Dulce Critelli, Naura Correa da Silva, Cassiano Cordi, Lilian Wachowicz e Francisco de Luca Pucci.

Em 1989 (de 15/04/89 a 23/06/90) realizei o curso de Especialização em Linguística na Sociedade Educacional Tuiuti e foi ali que tive o primeiro contato com as “implicaturas conversacionais” de H.P. Grice por meio da professora Elena Godoy, da UFPR. Teoria que está subjacente em minha “cabeça” até hoje.

Como a minha narrativa aqui não é linear, repito as palavras de um personagem de Lewis Carroll: “É uma memória fraca, a sua, que só funciona para trás”: disse a Rainha para Alice. Retorno, então, para o ano de 1987. Com o poeta e amigo José Bambil e apoio da Fundação Cultural de Curitiba lançamos o livro de poesia intitulado “Curitiba, 2 tempos”. Com prefácio do poeta Leopoldo Scherner, a obra focaliza dois períodos da cidade: a Curitiba dos anos 30 a 50 e a Curitiba contemporânea e presta uma homenagem aos 294 anos de fundação da capital paranaense.

Particularmente, gosto da simplicidade e sonoridade dos versos que falam dos sugestivos nomes de ruas de antigamente: Rua da Liberdade, Rua Fechada, Rua da Misericórdia: “Rasgada picada/ entre casas/em louco ritmo/ a crescer/ a Rua Fechada/ alargava os passos/ da Ordem à Matriz/ a Rua Fechada/ a primeira aberta aqui.”

Em dezembro do mesmo ano, pensando em “poética” de Manuel Bandeira: “Estou farto do lirismo comedido, do lirismo bem-comportado, do lirismo do funcionário público (...)” publiquei o livro “Revisão” e o mais gratificante foi receber uma singela cartinha de nossa maior poetisa, Helena Kolody, comentando o meu trabalho.

Não se vive só de poemas e em 1988 consegui um espaço no jornal Correio de Notícias para publicar uma coluna chamada: “Curitiba Aflita”. Crônicas do cotidiano da capital. Mas, faltava tempo para colaborar regularmente e após alguns meses, desisti.

Em 1988, acompanhei o vereador Bernardi e filiei-me ao PDT – Partido democrático Trabalhista, fundado pelo maior líder político do Brasil, Leonel Brizola, após perder a sigla PTB para a filha de Getúlio, Ivete Vargas. O “caudilho” gaúcho sempre foi um exemplo para a minha vida, creio que para o meu pai, também. Seu foco na educação e o trabalho que realizou para erradicar o analfabetismo, primeiro no RS – onde realizou campanha pela alfabetização e em 1962 chegou a empregar em educação o equivalente a 36% do orçamento estadual foi impactante em minha concepção política. Na época, foram feitas 4,8 mil escolas e 526 mil novas matrículas. O número de professores, que,

em 1959, era de 8.785, passou, em 1962, para mais de 22 mil. O esforço pela educação se baseava no slogan “Nenhuma Criança Sem Escola no Rio Grande do Sul” e na premissa de que sem educação não há desenvolvimento. Foi o maior movimento até hoje já realizado na América Latina em prol da educação. Com certeza, o Brasil seria um país melhor hoje se Brizola tivesse sido eleito presidente em 1989, quando foram para o segundo turno Fernando Collor e Luiz Inácio: um sofreu *Impeachment* e renunciou depois; o outro, é preso político.

No início de 1989 o vereador Jorge Bernardi é eleito Presidente da Câmara Municipal de Curitiba (Gestão 1989-1990) e fui indicado para a “Diretoria de Comunicação” (na época ainda não constava no organograma da Casa uma Assessoria ou Diretoria própria de imprensa e comunicação, criada anos depois). Como a Câmara tinha vários jornalistas em seu quadro funcional para atender aos pedidos dos vereadores, a minha função, além das tarefas usuais do Gabinete da Presidência, era a de fazer a gestão desses servidores. Foi um período de muita atividade, mas não deixei de lecionar no período noturno no Colégio Afonso Pena em São José dos Pinhais; apenas solicitei a redução de carga horária.

Em 1990 iniciei o Mestrado em Linguística na UFPR no período da manhã. É preciso ressaltar que os cursos de Especialização que realizei foram de grande validade, pois passei em dois processos seletivos para o Mestrado em Linguística: o primeiro em Florianópolis (UFSC), onde cheguei a assistir aulas durante um mês e o outro na UFPR. Obviamente, por uma questão de logística e pela necessidade de manter os vínculos empregatícios em Curitiba, optei por permanecer na Capital paranaense. Fiz a escolha correta, pois tive contato com professores extraordinários, como José Borges Neto, Carlos Alberto Faraco, José Mercer, Cecília Erthal, Antonio Sandman e reencontrei Elena Godoy.

Desde o início, a minha proposta de trabalho envolvia a ironia, mas não tinha muita certeza em qual direção. As aulas do professor Carlos Faraco – “elegantes” como a sintaxe “chomskiana” deixavam-me em “estrutura profunda” e para o meu infortúnio, somente depois que terminei a Pós-Graduação é que Faraco passou a trabalhar com o filósofo Mikhail Bakhtin ao nível de Pós; embora orientasse o meu colega de turma nessa temática, Gilberto de Castro, futuro professor do Departamento de Educação e Diretor da Editora UFPR.

Quase desisti do curso com a Gramática de Mário Perini, nas aulas do professor Mercer, culto e irônico mestre. Anos depois, 1997, Perini lançaria o livro "Sofrendo a Gramática" – que considerei um caso de expiação pelo padecer de mestrandos.

De qualquer modo, permaneci no curso e com as preleções do professor José Borges Neto sobre Semântica e Pragmática conheci Lakatos, Popper, Dücrot, Dascal e ouvi um nome diferente, Kanavillil Rajagopalan. Não seria no mestrado que utilizaria o conhecimento e as informações do ilustre Rajan, mas já estava em minha trajetória futura. Um pensador citado nesses encontros marcou a minha percepção de Ciência: Paul Feyerabend, autor de "Contra o Método", onde expõe a ideia de uma epistemologia anárquica; embora, ainda, como mestrando, eu precisava seguir procedimentos canônicos para a pesquisa ser considerada "séria".

O resultado foi uma dissertação (dentro dos métodos) intitulada: "*X é Irônico? Uma Abordagem Pragmática da ironia em Textos Jornalísticos*". A palavra Pragmática está no título da dissertação, mas a noção de "Performativo" não foi empregada no trabalho. Somente mais tarde, na Unicamp, nas aulas sobre Austin, com o Professor Rajan, é que irei utilizá-la. A dissertação foi o meu "batismo" na Academia e o objetivo do trabalho foi estabelecer alguns parâmetros para a identificação da Ironia em textos jornalísticos, conforme o seguinte resumo:

"A utilização indiscriminada da palavra ironia para se referir aos mais variados fenômenos e a sua associação com diversas figuras de linguagem tornou-se responsável por uma enorme flutuação de sentidos para o termo e uma imprecisão na hora de apontá-lo nos enunciados. Diante disso, procuramos estabelecer determinadas CONSTANTES que prefiguram e orientam o discurso irônico para funcionar como "pontes" entre X e a audiência. Na medida em que o conjunto de condições compartilhadas entre os interlocutores é maior, mais seguramente as CONSTANTES são apontadas e a ironia localizada. Nas situações em que o conhecimento compartilhado é parcial, a audiência deve "sacar" que houve uma mudança de regras por parte de X em direção à ironia".

O fato é que o trabalho dos professores do Mestrado em Linguística aumentou a minha disposição pela pesquisa e reforçou a minha convicção que o docente em sala de aula é o maior responsável em valorizar a capacidade de pensar dos jovens e prepará-los para questionar a realidade, unir teoria e prática e problematizar.

Retornando com a “memória fraca” que só anda para trás, lembro-me que era aluno do mestrado e estava no prédio histórico da UFPR onde funcionava o Curso de Comunicação Social. Resolvi visitar o departamento e fui gentilmente atendido pela secretária Jussara. Expliquei que só estava “flanando” e conversamos um pouco sobre o curso e ela comentou: “Estamos com concurso aberto para uma vaga de professor”. Li o edital e no dia seguinte fiz a minha inscrição.

Preparei-me na Biblioteca do SENAC por alguns dias e na data marcada, a prova didática: a banca com ar pouco amistoso, composta pelos professores Zaki Akel (futuro Reitor da universidade), Celsi Silvestrin, Itanel Quadros, Naura Ferreira e um quinto professor que lamentavelmente esqueci o nome. Eram onze candidatos e um deles já estava com mestrado concluído. Apelei para Santo Antônio e segui os procedimentos didáticos que aprendi na Licenciatura em letras. Apaguei o quadro de giz como fazia o professor Faraco: “elegantemente e sem levantar poeira” e aguardei o resultado. Não era mentira, assumi em 1º de abril de 1992 como professor na Universidade Federal do Paraná, com muito orgulho!

Quando procurei o Setor de Pessoal da universidade para tratar de minha nomeação e realizar os exames médicos prévios fui recebido pelo Mário Tadeu Setim, coincidentemente, amigo de longa data, pois trabalhamos juntos na empresa Coesa Equipamentos. Fui avisado de que seria necessário desvincular-me de outras atividades pois o meu regime de trabalho seria integral.

Enfim, depois de dez anos na Câmara Municipal (quatro campanhas eleitorais) e dez anos como professor da Rede Estadual não foi fácil romper com esse passado; mas agora era nova etapa em minha vida.

3. Da Academia

"(...) A Universidade deveria, portanto, ser também o lugar em que nada está livre do questionamento, nem mesmo a figura atual e determinada da democracia; nem mesmo a ideia tradicional de crítica, como crítica teórica, nem mesmo ainda a autoridade da forma "questão", do pensamento como questionamento. Por esse motivo falei sem demora e sem camuflagem de desconstrução. Eis, portanto, o que poderíamos, valendo-nos dela, chamar a Universidade sem condição: o direito de princípio de dizer tudo, ainda que a título de ficção e de experimentação do saber, e o direito de dizê-lo publicamente, de publicá-lo" (Jacques Derrida).

De depois de resolver as questões burocráticas atinentes à minha contratação pela universidade, apresentei-me para o trabalho. Era o ano de 1992: ano em que Collor de Mello renunciou à Presidência da República e o programa que marcou época na televisão brasileira, o "Xou da Xuxa", chegou ao fim. Eu fui morar em Quitandinha, a 60 km de Curitiba, e na UFPR fui recebido pela professora Patrícia Monsão Mollo, então Chefe do DECOMTUR.

Na época, o curso de Turismo fazia parte do departamento de Comunicação Social. Os docentes que atuavam na habilitação em Relações Públicas eram poucos e a professora Celsi Bronstrüp Silvestrin era, efetivamente, a responsável pelo curso. Devo a ela oportunas sugestões para desenvolver melhor as atividades específicas de Relações Públicas. A professora Celsi Silvestrin, agora aposentada, foi e será uma referência marcante pela sua eficiência e conhecimento dessa habilitação profissional importante para o contexto organizacional; infelizmente, pouco valorizada no Brasil, pois além da competição de outros cursos, que se apropriam de sua filosofia e técnicas, é considerada, apenas, uma profissão voltada para a realização de eventos.

Simultaneamente ao meu ingresso como docente no Decomtur ocorreu a entrada da professora Anely Ribeiro, que trabalhava como Relações Públicas no HC- Hospital de Clínicas da Universidade. Colega querida, hoje também aposentada, tanto ouviu a minha conversa sobre Pragmática que anos mais tarde, ao realizar o doutorado, optou pelos estudos da Polidez Linguística, tendo como orientadora a professora Elena Godoy. Durante 04 (quatro) anos seguidos eu e a professora Anely Ribeiro coordenamos a realização de provas do concurso vestibular da UFPR na Escola Estadual Isolda Schmid, na Vila Hauer.

As aulas da **GRADUAÇÃO** do curso de Comunicação Social e suas habilitações ocorriam no segundo andar do prédio histórico da UFPR, na Praça Santos Andrade, com largas colunas neoclássicas e estilos arquitetônicos diversos nas demais áreas da edificação. Mas, conforme o provérbio: “Por fora, bela viola (...)” as condições internas eram ruins e os professores, convivíamos com os psicólogos e caixas de Skinner, pois o departamento de Psicologia ocupava metade das salas disponíveis. Burrhus Frederic não imaginaria um ambiente mais condicionante que esse: os psicólogos da época não dispunham de um computador para simular o comportamento dos ratos e nós, da Comunicação, fomos privados de água, computadores e salas por vários anos. A situação só melhorou quando mudamos para o Campus Juvevê, onde estamos até hoje à espera de um novo prédio.

O fato é que assumi as disciplinas de Redação em Relações Públicas, Ética em Relações Públicas e Semiótica para o curso de Design, que funcionava no Edifício Dom Pedro I. Além das aulas, assumi orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), orientações de estágios obrigatórios e não obrigatórios e projeto de pesquisa. Carga horária cheia, como sempre.

Com a disciplina de Redação em Relações Públicas não tive problemas, mas logo “cansei” das Técnicas do *Release* e resolvi criar um *House Organ* para os alunos praticarem. Democraticamente, os alunos escolheram o nome do jornal: RealAção (Pragmática, portanto, acedi à escolha). Com uma tiragem de 1.000 mil exemplares foi o primeiro jornal da habilitação em RP. Logo na segunda edição uma polêmica entre os discentes: uma crônica “O Lula-Lá com RP”, do Orlando de Macedo Júnior, e uma charge do Thomas Muhlhauser sobre a “Secessão Reitoral” foi a razão. Nunca interferi na escolha da pauta e no enquadramento das matérias, pois o meu objetivo era o de trabalhar os diversos gêneros e tipos textuais empregados pela mídia.

Em 1993, por iniciativa do Vereador Jorge Bernardi, a Câmara Municipal de Curitiba, em sua reunião do dia 29 de novembro, consignou um Voto de Louvar pelo lançamento do Jornal Informativo “RealAção” da Habilitação em Relações Públicas.

Essa ferramenta simples, um *House Organ*, onde os alunos são os responsáveis pela produção, composição e divulgação, foi responsável por uma mudança significativa na qualidade dos textos. O único problema é que a verba Departamental, destinada ao pagamento da impressão do jornal, acabou.

Para não interromper a motivação dos alunos criei o “Papel de Parede”: outra iniciativa simples, mas eficaz, quando se trata de comunicação interna nas organizações. O custo de impressão de uma folha de papel sulfite com tamanho de 90X60 cm é reduzido e não foram poucas vezes que pagamos do próprio bolso por uma edição. Os jornais de parede constituem um gênero interessante para a prática do texto: são monotemáticos, ao contrário dos chamados “murais”, e os alunos, em grupos de 3 ou 5 pessoas, escolhem um único tema central a partir do qual irão produzir diferentes tipos de textos em cada edição, ou seja: editorial, notícia, reportagem, crônica, entrevista etc. Cada grupo precisa entregar duas edições por semestre que são expostos aos demais alunos no *hall* de entrada do Departamento de Comunicação.

Em termos pedagógicos, a experiência positiva com “Jornal de Parede” teve origem em minhas aulas na Escola Rural de Areia Branca dos Assis, onde, com os alunos de 5º a 8º séries, “contávamos histórias” do local; quando faltava papel sulfite na escola, usamos folhas de caderno. Quando trabalhei na Câmara Municipal também expliquei (e aprendi) as técnicas do jornal para algumas lideranças de Associações de Moradores, particularmente o “Seu Manuel”, da Vila Esmeralda, no Bairro do Xaxim.

No Departamento de Comunicação - DECOM, o “Papel de Parede” faz parte da história do curso de Relações Públicas e estamos na 200ª edição! Na gestão do ex-Reitor, Carlos Antunes, a Assessoria de Comunicação da UFPR propôs transformar o jornal de parede em um informativo da instituição, a ser exposto nos diversos setores; o que eliminaria os nossos problemas com os custos de impressão. A nossa recusa se deu pela preocupação em garantir aos alunos de Relações Públicas a construção da própria pauta e manter uma autonomia relativa, mas necessária, no processo pedagógico. Trabalhamos apenas com a versão impressa, mas coleciono relatos de ex-alunos que estão no mercado de trabalho e utilizam essa ferramenta para a comunicação online. Em 2002, uma edição do jornal “Papel de Parede” recebeu “Menção Honrosa” na categoria “Jornal Mural” durante a realização do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM, na cidade de Salvador, Bahia.

Para as aulas de Redação em Relações Públicas também foi útil a experiência que obtive anteriormente com o preparo de histórias em quadrinhos (HQ). Em 2001, durante o VII EXPOCOM- Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, realizada durante o XXIV Congresso da INTERCOM, na cidade de Campo Grande (MS), obtivemos o 1º lugar nacional na categoria "História em Quadrinhos" com o trabalho: *"Como o Senhor Silva Implantou um Sistema de Gestão Ambiental"*.

Ainda no espírito da "Releasmania" (livro do Gerson Moreira Lima uma abordagem crítica do Jornalismo e das Relações Públicas no Brasil) encontrei nos arquivos pessoais uma lista de presenças de uma das aulas que ministrei: "Prova Release, dia 03/11/94". O primeiro nome e assinatura na lista é do aluno Carlos Alberto Martins da Rocha (Polaco), atual Diretor da UFPR/TV e Superintendente de Comunicação Social da UFPR. Também foi minha aluna nesse período a atual professora do curso de Relações Públicas e ex-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), Claudia Irene de Quadros, pesquisadora responsável pela Agência de RP, a PRÁTICA. Igualmente, Luís Carlos dos Santos, atual Diretor de Fotografia do Departamento de Comunicação e professor de Fotografia Institucional para o curso de Relações Públicas.

Trabalhar com a disciplina de Ética em Relações Públicas teve consequências significativas, creio que mais para mim do que para os alunos. Primeiro, procurei modular um modo de vida intermediário entre "Jacó" e "Labão", isto é: sem agir como um escravo como fez o primeiro e sem aumentar as promessas, como fez o segundo. Depois, com intuito de evitar os intermináveis estudos de casos para constatar violações ao Código de Conduta da profissão procurei apoio nos estudos da Ética Prática, pois "Ética não é só sobre o que fazemos, é também sobre o que não fazemos".

Segundo Peter Singer, um dos precursores modernos da Ética Prática, essa perspectiva preza medir as nossas ações e as dos outros pelas suas consequências. Aliás, postura que lembra muito o estoicismo, que marcou o início de minha carreira como docente, e faz parte de uma longa tradição de estudos: Hume defendeu o suicídio num dos seus ensaios. Kant, por sua vez, escreveu sobre como alcançar a paz perpétua e discutiu os deveres em relação aos animais. Mais tarde, os filósofos utilitaristas do século XIX dedicaram-se seriamente à discussão de problemas como a liberdade de expressão e a discriminação sexual, temas fundamentais em pauta atualmente.

Durante as aulas de Ética em Relações Públicas sempre evitei empregar o termo “Professor de Ética” (ideia que sempre me pareceu temerosa, pois nos coloca acima do bem e do mal e nunca “além do bem e do mal”) e preferia “deontologia”, entendida como o conjunto codificado das obrigações impostas aos profissionais de uma determinada área, no exercício de sua profissão. São normas estabelecidas pelos próprios profissionais, tendo em vista não exatamente a qualidade moral, mas a correção de suas intenções e ações, em relação a direitos, deveres ou princípios, nas relações entre a profissão e a sociedade.

Sempre tive muita satisfação pessoal com a disciplina de Ética em Relações Públicas e ao longo dos anos passei a produzir ensaios sobre temas correlatos para a discussão em sala de aula e, eventualmente, alguns desses ensaios foram publicados (elenco abaixo um breve resumo de alguns ensaios):

Pragmática da Exclusão: a inveja nossa de cada dia

Que espécie de ação é esta, a inveja, que tanto sofrimento acarreta às pessoas? Filósofos, jornalistas, políticos, linguistas, professores, psicólogos, todos minados pela emoção oculta. O campo acadêmico é um bom exemplo de sua influência e Schoeck, autor de *“Envy: A Theory of Social Behavior”* (1969), afirma: “é no marxismo, o conceito abstrato e exaltado do proletário, dos destituídos e explorados, que uma postura de inveja implacável é plenamente realizável”. O que falar, então, das teorias capitalistas, onde a ganância – a inveja emulativa, é uma experiência concreta estimulada pela publicidade para que o sujeito seja o mais rico, belo, inteligente e capaz do que todos os outros?

Diante destas questões, o que nos instiga é compreender como a inveja, “o mais controverso dos sentimentos humanos”, permeia as combinatórias linguísticas responsáveis por construções identitárias de sujeitos sociais, instando-os a uma reinvenção de si e, ao mesmo tempo, impondo desejos que podem ser postulados como causas de um comportamento excludente. Nesta perspectiva, a afirmação de FREIRE-COSTA (1994, p. 160), “lidar com um sujeito é inevitavelmente tentar compreender sua conduta em função da multiplicidade de crenças que o determina” aponta um norte para a investigação, isto é: estudar o Sujeito da Inveja ou a Inveja do Sujeito exige a compreensão de determinado vocabulário intencional, uma vez que as crenças e desejos só existem na linguagem. Para este caso, em especial, é necessário empregar uma abordagem Pragmática (RORTY, 1994; FREIRE-COSTA, 1994; MEY, 1993; RAJAGOPALAN, 2001, 2002, 2003; EELEN, 2001; VERSCHUEREN, 1999; SCHOECK, 1969; SMITH, R., 2007; SUNG HEE, K., 2007). (...).

A ESTRATÉGIA DA MENTIRA NA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

A chamada "retórica da comunicação" ocupa um espaço considerável em todas as áreas de atividade humana. No contexto das organizações, por exemplo, essa retórica impõe-se de modo a determinar a prevalência das relações cooperativas entre a empresa e seus públicos, ou seja: impõe-se a fim de manter a ideia de que há uma comunicação simétrica (de duas mãos) entre os interlocutores e que ambos compartilham os mesmos benefícios. O pressuposto dessa perspectiva está ancorado no sucesso econômico (lucro e acumulação) e objetiva um conjunto de fatores que permita trocas cada vez mais vantajosas para os participantes. Desta forma, a ação cooperativa é hierarquizada e passa a reclamar uma adesão permanente dos públicos envolvidos através do "desempenho e da excelência" (...).

A ÉTICA (MENTIRA) E A ESTÉTICA (IRONIA)

DO DISCURSO POLÍTICO NA MÍDIA

O que interessa aos leitores/espectadores e merece ser pauta jornalística para o dia seguinte? Esta pergunta tem sido feita e respondida das mais diversas maneiras. A resposta tradicional - que já se transformou em clichê- é a seguinte: se um cão morde um carteiro, isto não é notícia. No entanto, se um carteiro morde o cão, isto é notícia. O critério para a escolha de um fato como pauta é o inusitado da situação, o cômico, o conflito. O embate entre o "irracional", o cão, treinado para atacar aos que entrarem em seu espaço e o pretense ser "racional", o homem, que repete o animal no labirinto behaviorista da cidade para entregar correspondências, é notícia. Obviamente, tal resposta peca pela simplicidade; mas é necessária para direcionar a nossa reflexão. Foram-se os tempos de jornalismo romântico e aventureiro: o repórter que ingressa na selva para achar Livingstone perdido ou encontrar o Santo Graal, não existe mais. Como observou Max King, do Philadelphia Inquirer: "Somos absorvidos pela pressão comercial e os lucros e perdas no balanço anual" (*apud* Kovack; Rosenstiel, 2003:19). Temos um jornalismo baseado no mercado onde a noção de comunidade - no sentido político ou cívico faz pouco sentido. A geografia que interessa aos diretores da empresa jornalística é a da localização estratégica do setor comercial no organograma e a quantidade de recursos disponíveis pelos anunciantes: o que determina o grau de influência do cliente na elaboração do que é notícia ou é simplesmente "apagado". Apagar não quer dizer omitir, suprimir; mas recontar o acontecimento de outra maneira: o que era relevante transforma-se em mero *side*, mitigado, na terceira página do caderno "Cidade". (...).

Os Limites da (In)Tolerância

Que ato é este, a tolerância? Qual é a sua história? Quais são os seus limites? Quais são os seus efeitos? São tantas e diversas as respostas em torno dessas questões que nos dão a impressão de "andar às cegas". Neste momento, por exemplo, não estaria exercendo a minha intolerância em relação aos cegos por comparar o "andar incerto" desses indivíduos ao desvio, ao errante, como disse o poeta: "Vai, Carlos! Ser *gauche* na vida" (DRUMMOND, 1977, p.3)?

O agir tolerante nos conduz sempre à clausura de um lugar ou nos remete sempre a uma hierarquia? Estamos lidando com uma virtude, com um ato ético, uma bondade, piedade, temor ou tremor diante do diferente? O fato é que tal gesto não pode ser nomeado em sua totalidade, pois qualquer tradução permanecerá ligada às interpretações passadas; embora, enquanto gesto, tenha uma história, um rastro pleno de dotações e investimentos. (...).

(Im) Politeness and Performance:

The Messianism Faces in Brazilian Political Discourse

Politeness is bond to the public self-image of peoples, which is continuously monitored by either the individual or the interlocutor. In this sense, it is of extreme importance the notion of "face", here understood from a pragmatic perspective, namely: the notion of face is bond to the correlations that the individual creates in interaction, and reflects the negotiations, variations and adaptations to the objective data and perceived psychological data. Here, it reflects the involved cognitive and emotive elements, for instance, the affective and committing dispositions necessary to the establishment, maintenance and continuity of interactions. Thus, the concepts of "face" and "politeness" are not only related to a question of image, but also to the construction of personal identities. The media culture today requires the marketing of good feelings in which the body simulates. Simulation stands for pretending to have what one does not have. Thus, the "media-consecrated" needs to simulate the body domain, now examined in detail by the camera lenses and by the approval of advertising agencies. The purpose of this paper is to critically reflect in the forced rituality of the gesture and word ("The Messianism Faces") in Brazilian political discourse. The methodology of this investigation is analytical descriptive, and the news articles were chosen randomly. The theoretical background is the one of Critical Linguistic Pragmatics (MEY, 1985, 1993; RAJAGOPALAN, 2001, 2002, 2003; PENNYCOOK, 2001; BUTLER, 1997).

Em sala de aula e na orientação de trabalhos de conclusão de curso (TCCs), que visam a iniciação e o envolvimento do aluno de graduação no campo da pesquisa científica, adotei como princípio pedagógico os três eixos constitutivos do Neo-Pragmatismo de Rorty, ou seja: o contextualismo, consequencialismo e o antiessencialismo. Nesse aspecto, sempre tive preferência pela orientação de Projetos de Planejamento Estratégico de Comunicação ao invés de trabalhos monográficos, pois considero a monografia um gênero típico da academia e de pouca repercussão prática nas Relações Públicas. No entanto, as opções de escolhas são dos alunos e os professores, temos respeitado esse procedimento. Em casos de dúvidas e problemas, as questões são levadas ao Colegiado de curso. Integro o Colegiado de Comunicação Social há 08 (oito) anos como representante da habilitação em Relações Públicas. Ao longo dos anos orientei/oriento trabalhos de conclusão de curso na GRADUAÇÃO e destaco algumas

monografias e projetos que tiveram, por menor que seja, algum impacto social. **(os totais de produção acadêmica estão em demonstrativo anexo):**

A "**Pragmática do Release**", das alunas Gisele Sakamoto e Larissa Limeira, que recebeu uma premiação nacional na 10º Expocom – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, realizada no período de 3 a 5 de setembro de 2003, no Congresso da Intercom, no Campus da PUC-MG. Esse trabalho também recebeu "Menção Honrosa" no 8º Prêmio Sangue Novo no Jornalismo Paranaense.

Os trabalhos que orientei dos atuais professores substitutos do DECOM, Pedro Chapaval Pimentel: "**NOVOZYMES – Um Caso de Sucesso na Prática de Responsabilidade Social Corporativa**" (2009) e "**As Relações Públicas nos Grupos Organizacionais**", de Nicolle Kollross (2007).

Michele Prestes (2002) intitulado: "**Projeto de Reestruturação do Programa de Informação e Prevenção de AIDS-PIPA**". Foi usado para reestruturar o programa existente na época no HC-Hospital de Clínicas da UFPR para a prevenção e informação acerca da AIDS.

Alice Selmer (2007) desenvolveu um trabalho chamado: "**O Papel dos RPs na Defesa do Consumidor**". Uma cópia foi encaminhada ao PROCOM-PR para aproveitamento das sugestões elencadas.

Leonardo Rocha Malinowski (2010): "**Comunicação Interna no Curso de Comunicação Social da UFPR**", cujas sugestões, infelizmente, não foram aproveitadas internamente para aprimorar a comunicação no "departamento de Comunicação".

Andressa Fabeni (2013): "**O Discurso do Relações Públicas na Comunicação Dirigida Oral**".

Luiza Marina Kruger Lass (2014): "**Planejamento de Comunicação Estratégica de RP na Mídia Online**".

Claudia Juliane Pacheco de Oliveira e Naara Faria (2015): "**Plano de Comunicação Interna para a Campanha 35 mil Partos do Hospital e Maternidade Alto Maracanã**". Projeto implementado na instituição.

Thaís Stelle Vieira (2016): "**Plano de Comunicação Ilha do Mel**". Uma cópia foi encaminhada ao Instituto Ambiental do Paraná para o aproveitamento das sugestões elencadas para a promoção do turismo local.

Marcela da Silva Franco (2016). "**Plano de Comunicação Estratégica para o Clube de Futebol J. Malucelli**". Uma cópia foi encaminhada ao clube para aproveitamento das sugestões elencadas.

Carolina da Cunha Ayvazian (2016): "**Contribuições das Atividades de RP para a Qualidade de Vida no Trabalho**".

Juliana Gomes Halabi (2016): "**Planejamento Estratégico para a Instalação de um Centro de Visitantes e Educação Ambiental do Projeto TAMAR na Ilha do Mel**". Cópia encaminhada ao Projeto Tamar para eventual aproveitamento das sugestões.

Thalita Fernandes e Vitória Bet (2017): "**Planejamento de Comunicação para a ONG do Cão**". Projeto implementado na instituição.

Orientei, também, alguns trabalhos de conclusão de curso ao nível de Pós-Graduação/ESPECIALIZAÇÃO:

Orlando de Macedo Júnior (2000): "**Análise Pragmática do Discurso Televisivo**".

Elvira Ferreira de Castro (2004): "**Emoção e Linguagem**".

Maria Helena Gomes Moreira (2004): "**O texto Televisivo e o Princípio de Cooperação de H.P. Grice**".

Maria de Fátima de Oliveira (2004): "**O Fracasso Escolar nas Séries Iniciais**".

Antonio Santos e Silva (2004): "**Ensino e Aprendizagem de Leitura nas Séries Iniciais**".

Iraneide Borges Maciel (2004): "**A Interferência da fala na Produção da Escrita**".

Isabel Cristina das Neves Oliveira (2005): "**Uma Análise do Princípio Cooperativo de Grice na Linguagem Jurídica**".

Rossicléia Mesquita Barros (2005): "**Uso de Estrangeirismo na Língua Portuguesa – ajuda ou ameaça?**"

Adriana de Oliveira Rolim (2005): **“As Classes de Palavras – um estudo crítico”**.

Além de aulas e de trabalhos de conclusão de curso orientei/oriento estágios obrigatórios (4 por semestre) e uma infinidade de estágios não-obrigatórios. Os estágios têm orientação semi-direta (o professor avalia o desempenho do estagiário a partir do relatório semanal rubricado pelo gestor na empresa e depois pelo relatório final circunstanciado). Sou membro da Comissão de Orientação de Estágio (COE) como representante da habilitação em Relações Públicas no curso Comunicação Social há 08 (oito) anos. Cabe aos membros do COE analisar a pertinência e deferir ou não as solicitações de estágios dos alunos.

Também, desde que ingressei na universidade registrei no BANPESQ/UFPR os seguintes projetos de pesquisa:

“Em Busca da Palavra Útil: a Ironia” (1994-1996). Registro no BANPESQ nº1994003794. **Descrição:** Este projeto foi um desdobramento da dissertação de mestrado concluída anteriormente. O objetivo foi demonstrar que a concepção de um “Sujeito Ironista” defendido por Richard Rorty em “Contingência, Ironia e Solidariedade” é útil nos ambientes organizacionais. **Situação:** concluído.

“As Dimensões Pragmáticas da Cooperação Jornalística” (1995-1998). **Descrição:** Tese de Doutorado na Escola de Comunicação e Artes da USP. A hipótese defendida por H.P. Grice de que toda a comunicação é regida pelo Princípio de Cooperação é empregada como ponto de partida para uma investigação pragmática das interlocuções jornalísticas, particularmente, das chamadas “falhas comunicacionais”. O escopo griceano passa por um viés crítico (desconstrutivo) e é ampliado para que as interlocuções jornalísticas sejam interpretadas a partir do “Mundo do Uso”, isto é: das ações macropragmáticas, como ações propositais dos usuários da linguagem. **Situação:** aprovada com distinção em 26 de março de 1999. Bolsista PICD.

“Cooperação e Não-Cooperação” na Comunicação” (1999-2001). Registro no BANPESQ nº1999006376. **Descrição:** Demonstrar a relevância de ações linguísticas e não-linguísticas usualmente tidas como “periféricas” no processo comunicativo das organizações, tais como: as formas de não-cooperação, as formas de silêncio, as emoções enquanto domínios de ação, os clichês. O objetivo é ressaltar como tais usos são úteis na aproximação com a intenção comunicativa de quem fala/escreve; ou para demonstrar a necessidade de qualificação profissional. **Situação:** Concluído.

“A Pragmática das Relações Públicas” (2002-2004). Registro no BANPESQ nº2002011948. **Descrição:** Administrar as relações conflituosas entre a organização e seus públicos é uma ação linguística cujos efeitos representarão mudanças de estados mentais nos indivíduos e estados de coisas na realidade organizacional. O profissional de RP emprega conceitos que são tradicionais na área da pesquisa Pragmática. Assim, propomos uma Pragmática das Relações públicas, ou seja, uma

perspectiva onde a Teoria do Uso (Pragmática) identifica-se com uma explicação da inter-relação existente entre linguagem e a situação comunicativa organizacional em que esta é tipicamente usada. **Situação:** Concluído.

"A Pragmática do Discurso Midiático: Ética e Estética nas Designações Jornalísticas" (2004). Pesquisa desenvolvida durante o curso de Pós-Doutorado na Unicamp. **Descrição:** A partir de uma perspectiva pragmática investigar os efeitos dos usos de novos termos de designação nas notícias para se referir aos personagens e acontecimentos que surgem no cenário político nacional. Particularmente, demonstrar que tais usos da linguagem contribuem para que os leitores construam um imaginário social idealizado dos fatos relatados. **Situação:** Concluído. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

"Pragmática e Construção Identitária em Contextos Multiculturais" (2004-2005). Registro no BANPESQ nº2004014056. **Descrição:** Utilizando o referencial da Pragmática Linguística este trabalho pretende estabelecer uma reflexão sobre os processos de construção identitária em ambientes multiculturais. Uma das variáveis empregadas para descrever os referidos processos é a "politeness/impoliteness" enquanto valores socialmente constituídos. **Situação:** Concluído.

"A Pragmática em Sala de Aula" (2005-2007). Registro no BANPESQ nº 2005018047. **Descrição:** Uma das principais propostas no ensino de Língua Portuguesa é preparar o aluno para agir linguisticamente em várias situações sociais e discursivas, isto é, usar a modalidade oral e escrita da linguagem conforme as regras contextuais e a situação discursiva em que estiver inserido, tanto na interpretação, produção e circulação de textos. Este procedimento exige do professor uma práxis discursiva que vá além da sintaxe e da semântica e convirja para a Pragmática, onde a linguagem tem um estatuto político. Assim, a proposta deste projeto é desenvolver metodologias para o professor tendo como base o referencial da Pragmática Linguística. **Situação:** Concluído.

"Do Homem Cordial à Carnavalização: A Pragmática da Polidez no Brasil" (2007-). Registro no Banpesq nº 2007021895. **Descrição:** O objetivo geral desta pesquisa é compreender as diversas representações semânticas (sentido) e pragmáticas (uso) associadas ao fenômeno da polidez nas relações interpessoais e midiáticas no Brasil. Especificadamente, investigar a relação entre a polidez e as noções de "cordialidade" e "jeitinho" ("atributos da brasilidade") a fim de configurar o valor moral e político da polidez na atualidade das interações. A metodologia de procedimento consiste na pesquisa documental em torno de situações já registradas e artigos acadêmicos, bem como, a observação participativa em diálogos estimulados pelos usos dos termos em estudo e a análise pragmática de diálogos em situações públicas, onde impera o cumprimento de regras e hábitos socialmente estipulados para a convivência. Quanto à abordagem, o método hipotético-dedutivo será empregado para testar a predição de fenômenos abrangidos pelas hipóteses. **Situação:** interrompido. Aguarda finalização.

“O Princípio de Não-Cooperação: Performance e Performatividade na Comunicação. The Non-Cooperation Principle: Performance and Performativity in Pragmatics communication”. (2017 -). **Descrição:**

Communications rhetoric takes up considerable space in areas of human knowledge. In journalistic performance, for instance, it is imposed in order to determine that cooperative relation between journalistic and their readers prevails, i.e.: aiming at keeping the idea that there is a symmetric communicative (two-way) relation between interlocutors. Within this context, to communicate means to share meaning and intentions, prevailing the supposition that the journalist is cooperative. In this case, it is possible for the reader to capture the tone and content of the statements, without much reflection, in relation to what was written. Such perspective introduces itself in a conceptual network sustained by the permanent search for an ontological content or reality behind any logical or grammatical expression, which can integrate individuals within what Barthes (1993) calls “The Great Family of Man”. In this manner, the building of hierarchical relation (cooperation) to the detriment of fact articulation (manifestation of beliefs) may be observed in journalistic performance. The never-ending intermingling process which covers journalistic action is denied: lapses, interruptions, cuts, silence, hesitations, interventions, reactions, rejections and aversions, in other words, non-cooperation. By excluding non-cooperation from journalist performance, communication rhetoric tries to obliterate resistances, simulations, ironies, or suspicion that its own philosophical structure nothing more reveals. It becomes imperative, therefore, to outline a minimal metalanguage able to subsidize the specification and recovery of the inarticulate power of the so called non-cooperative actions. Such metalanguage seems indispensable when it comes to postulating a principle, which today is neglected, because it is precious to cooperate, or as Nietzsche (1886) stated: “To have actions of sympathy with others”. **Situação:** Em andamento.

Ressalto que a “boa” memória vai para o passado e para o futuro e as atividades que nós, professores, desenvolvemos nas escolas são inúmeras e fica difícil estabelecer uma linha explicatória contínua e coesa ao longo do tempo em qualquer relato. Como não sou devoto de São Domingos, mas de António, receio atrair a ira de Verrine, o demônio responsável pela ansiedade e impaciência (Segundo os especialistas, há uma lista com 10 seres infernais responsáveis pelo mau comportamento humano. Para cada um deles há um Santo inimigo). O fato é que depois de concluir o mestrado na UFPR fui aprovado em um curso de Doutorado em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo – USP. Tirei a nota máxima na linha de estudos em Comunicação e Linguagem (soube disso por informação da secretária da Escola de Comunicação e Artes, Tânia, pois as notas não eram colocadas nos editais). Pura sorte, pois a prova descritiva era sobre a Pós-Modernidade e, casualmente, dias antes, eu li a obra “A Condição Pós-Moderna” de J.Lyotard.

Na ocasião, o chefe do departamento, Miguel Bahl, disse-me que seria impossível conseguir substitutos para os três professores do DECOMTUR aprovados para o doutorado em 1995 e que a prioridade seria a contratação de substituto apenas para o docente mais “antigo” da casa. Não questionei esse procedimento, que entendo ser justo e necessário. Mas a minha intenção também não era a de abrir mão da vaga de doutorado ou realizar o curso em São Paulo e ministrar aulas na UFPR, simultaneamente. Eu nunca tinha “colocado os pés” na capital paulista, muito menos no “Templo do Saber” (era assim a imagem da universidade paulista aos meus olhos) e não desistiria tão fácil. Lembro-me que agendei um encontro com a Vice-Reitora na época, professora Maria Amélia Sabbag Zainko, e cheguei “em cima da hora”, esbaforido, certamente estava com um semblante deplorável, pois tão logo terminei a minha fala a professora calmamente respondeu: “professor, tome um copo de água e não se preocupe, iremos resolver essa situação”. Um Ato de Fala feliz, esse!

O meu orientador no doutorado foi o professor Manuel Carlos da Conceição Chaparro, português de Trás-os-Montes, com quatro trabalhos contemplados no Prêmio Esso de Jornalismo, a premiação mais tradicional e importante do jornalismo brasileiro, e autor do livro “A Pragmática do Jornalismo”. O professor Manuel Chaparro sempre foi dedicado em suas orientações e em nossas conversas afirmava que a Pragmática foi circunstancial em sua vida como pesquisador. Competente e modesto, Chaparro indagou certo dia se eu iria fazer o chamado “Doutorado Sanduíche” no exterior após a obtenção dos créditos normalmente exigidos no curso. Respondi que pretendia ir para a Unicamp fazer alguns cursos de Pragmática com um professor chamado Kanavillil Rajagopalan. Meu orientador concordou plenamente e salientou: “ótimo, assim aprenderemos Pragmática juntos”.

Fiquei todo o ano de 1996 no UNICAMP. No primeiro semestre cursei a disciplina LL126 – Pragmática e no segundo semestre a disciplina LL227, Seminário Avançado de Pragmática. Ambas com o professor Rajan. Entrei no Grupo de Pesquisa “Linguagem e Identidade: Abordagens Pragmáticas” cujo líder é o professor Kanavillil Rajagopalan e a “vice-líder era a professora Dina Maria Machado Ferreira, a querida Baronesa”, uma intelectual como poucas, atualmente professora visitante no Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Estadual do Ceará. Também, integrava o grupo Daniel Nascimento Silva, hoje professor na UFSC, Maria Viviane

do Amaral Veras, professora no IEL/Unicamp, Claudiana Nogueira de Alencar, professora do PPGCOM/ UECE, Joana Plaza Pinto, professora na UFG, entre outros competentes estudiosos da Pragmática no Brasil.

Este vivente sentiu-se intimidado com tantas ideias novas, teorias e autores que não conhecia e que eram debatidos pelos integrantes do grupo nos encontros semanais na Unicamp. Fui “batizado” na Cantina do IFICH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, onde “molhamos muitas palavras” nos “Simpósios” que realizávamos depois das reuniões do grupo de pesquisa. Época em que a cerveja não era banida das universidades e a “FLO corria solto” (Filosofia da Linguagem Ordinária). Apesar de o professor Rajan sempre ressaltar que nenhum autor ou teoria deve ser “sacralizado”, nós, os alunos, abrimos uma exceção para o nosso “Guru” (como carinhosamente o chamávamos).

Em 1997, embora estivesse afastado para concluir o doutorado, organizei com a professora do curso de Publicidade e Propaganda, Patrícia Monsão Molo, um Evento de Extensão Universitária sobre o tema: “Linguagem, Comunicação e Pós-Modernidade”, com a duração de 20 horas, ministrado pelo professor Kanavillil Rajagopalan, no Prédio Histórico da UFPR. Em agosto de 1997, a professora Cristina Magro (UFMG) organizou um evento de Filosofia Analítica e Pragmatismo na cidade de Belo Horizonte, com a presença do Richard Rorty e o professor Rajan como um dos debatedores.

Participar desse evento quebrou dois tabus em minha vida. O primeiro, viajar de avião. Passei a ter medo de altura depois de uma brincadeira perigosa na infância. Morava na cidade de Jaraguá do Sul e com os amigos costumávamos escalar um “paredão”, alto como a torre da Igreja ao lado. Alcançar o cume nos dava a sensação de vitória, pois na “crista” estávamos mais elevados que a Casa de Deus. Certo dia, o colega Eloy Ribeiro (mais tarde cineasta), veio com a minha tia visitar a cidade. Logo o convidei para escalar o Everest catarinense. Subimos e na hora de descer a ira divina se abateu sobre nós. Ambos, os montanhistas, com receio de cair. Nunca mais coloquei os pés em locais mais altos que uma cruz de madeira à porta de uma capela até o dia em que viajei de avião para a capital mineira. O segundo tabu: estar na presença dos filósofos tão renomados, cujas obras eram as nossas referências teóricas, era como estar diante de uma divindade.

No terceiro dia de realização do Congresso estávamos no Campus da UFMG com o professor Rajan e vimos Richard Rorty sentado em um dos bancos do jardim da universidade. O Rajan nos apresentou ao filósofo e a conversa foi de uma simplicidade e cordialidade enorme. Rorty foi um dos mais importantes e influentes intelectuais da segunda metade do século passado, e sua reflexão é marcada, como a de muitos de seus contemporâneos, por uma crítica radical da metafísica. Do ponto de vista político, o norte-americano foi um liberal de esquerda reformista, mas era de “carne e osso” e com as mesmas inquietações que nos afligiam.

Encontrar as pessoas que você admira intelectualmente é um passo fundamental para entender melhor o trabalho que eles fazem. Isso é realidade e não o romantismo, como dizia o poeta Goeth: “Amada, seja sempre sonhada, nunca apareça sequer, pois temos como sina sentir que foge a amada quando se encontra a mulher”. Mas, em algumas situações, se trocarmos a amada pelo filósofo, é melhor ser romântico. Isso não se aplica a Richard Rorty ou a um dos importantes intelectuais do país que o Rajan também nos apresentou na ocasião. À noite, após o jantar no hotel em que o grupo estava hospedado, “molhávamos as palavras” e o Rajan trouxe para o nosso encontro um senhor elegantemente vestido, gravata borboleta, com um copo de uísque em uma mão e uma garrafa em outra: o filósofo Bento Prado. Sentou-se conosco e fez um sinal com o copo à guisa de saudação ao que eu repliquei com um verso de Emílio de Menezes: “Beber é uma necessidade...” e antes que terminasse, Prado conclui: “(...) saber beber uma Ciência, embriagar-se uma infâmia”. Conhecia de tudo, esse homem. Sábio também era Jó: “Antes eu te conhecia só de ouvir falar, mas agora os meus olhos te vêem.” (42.5).

A prática educativa que desenvolvi posteriormente na universidade federal deve muito a essas “vivências” de observação, descrição e *feedback* das experiências. Considero relevante conhecer o contexto em que uma obra está inserida e a vida “privada” de seu autor, pois isso muito revela sobre o tema tratado no livro. Quando soube que H.P. Grice buscou inspiração para as suas Máximas Conversacionais em Imanuel Kant, resolvi ler “A Crítica da Razão Pura”. Quando procurava a obra na estante de um Sebo curitibano, localizei outra: “A Vida Sexual de Imanuel Kant”. A literatura erótica é bem mais interessante e dei adeus à “Crítica”. Até chegar em casa imaginava que o livro continha uma narrativa dos atos libidinosos do filósofo alemão finalmente revelados. Ledo e Ivo engano. O professor Kant foi bem

tratado na história. Achei estranho, porém, a narrativa de que um grupo de fanáticos kantianos teria se mudado de Königsberg para o Paraguai após a Segunda Guerra Mundial. Era demais. Fanáticos coríntios, sim; kantianos, jamais. Fui conferir em outras fontes e descobri que o livro era um embuste – mas, em parte: O embuste começou quando Frédéric Pagès, ex-professor de filosofia e jornalista do semanário satírico “*Le Canard enchainé* (O Pato Encadeado)”, inventou Jean-Baptiste Botul e seu trabalho principal, *A Vida Sexual de Immanuel Kant*. A ideia geral por trás de Botul e do *botulismo* era que a filosofia é vital demais para ser deixada apenas nas mãos de filósofos profissionais.

Apesar da embromação, muitas verdades foram contadas: Kant, apesar da reputação que ganhou, era considerado uma pessoa muito sociável. Recebia convidados para jantar com regularidade, insistindo que a companhia era boa para a constituição física. O filósofo também elaborou uma série de Máximas Conversacionais para lidar com seus comensais, por exemplo: “não permita um longo silêncio entre uma fala e outra para não constranger o interlocutor”. O importante na leitura da arteirice em torno do filósofo foi a antecipação de hipóteses sobre a dicotomia “sério” e o “não sério” e a reflexão a respeito do “humor”; temas recorrentes no curso de Pós-Doutoramento que realizei mais tarde.

Ainda estava na Unicamp quando mostrei ao Rajan o meu esboço da futura tese. Depois de alguns minutos ele começou a “balançar a cabeça” em um gesto típico da cultura indiana, e que no início é indecifrável, pois pode significar “sim”, “não”, “estou te ouvindo”, e antes que eu tivesse uma síncope, sugeri: use o Grice como ponto de partida para a sua análise. Simples e direto. Fui investigar no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, sistema de busca bibliográfica que reúne registros desde 1987, e não encontrei nenhum trabalho de tese semelhante a minha proposta, ou seja: um viés crítico ao Princípio de Cooperação e Máximas Conversacionais propostas por H.P. Grice no âmbito do jornalismo impresso. Somente em 2001, o professor Nilson Lage (UFRJ/UFSC), irá publicar o livro “Teoria e Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística” onde cita as máximas conversacionais de Grice, mas sem a devida contextualização crítica.

Concluí a Tese no final de 1998 e a defesa ficou para 26 de março de 1999. A banca para analisar “As Dimensões Pragmáticas da Cooperação Jornalística” foi constituída pelos professores Manuel da Conceição Chaparro (orientador), Helena Nagamine Brandão, José

Coelho Sobrinho, Teresinha Dias Fernandes e Elena Godoy. O trabalho foi aprovado com "distinção" e a concepção de linguagem performativa começa a aparecer em minhas reflexões.

Retornei às atividades na UFPR no início de 1999 e na sequência senti a necessidade de um texto básico para uma das minhas disciplinas, a de "Comunicação e Linguagem". Utilizar a Editora da UFPR nem sempre é fácil ou rápido. Então, fiz contato com a Editora Protexito para publicar um livro no formato *pocket* com o título "Comunicação e Educação: uma visão pragmática" (um livro de bolso permite uma leitura prática e o barateamento no custo final). Foram impressos 1000 (hum mil) exemplares que distribuí gratuitamente aos meus alunos e aos alunos dos colegas professores em outras instituições. Percebi que se tratava de uma boa estratégia para a divulgação dos princípios pragmáticos (o livro digital ou *e-book* só ganha mercado e leitores a partir de 2008) e encomendei outra publicação: "Afinal, o que é Pragmática? O texto original chamava-se: "Afinal, que Diabo é a Pragmática?" Como não convém invocar o mal pelo nome, eliminei o "tinhoso" do título do livro, pois há uma longa história de desacordos com a Pragmática e eu não tenho a resposta final para essa querela.

O lógico e matemático israelense Yehoshua Bar-Hillel já disse que a Pragmática era a "lata de lixo da linguística". Jacob Mey clamou pelos vermes: "*Pragmatic wastebasket is more like a can of worms*" e Dascal formulou uma teoria semântica a partir da imagem da cebola onde a Pragmática é a camada externa. A casca externa da cebola é inútil, pois à medida em que as cebolas vão envelhecendo no cesto, vão perdendo essa camada exterior mais fina, sem prejuízo ao cerne do vegetal. Rajagopalan disse que a Pragmática ainda é vista por muitos estudiosos, não sem razão, como um verdadeiro 'saco de gatos' e Borges Neto comparou a indefinição do objeto observacional da Pragmática em relação ao modo como "cortamos um frango". O fato é que as esposas e as sogras costumam ter o seu modo peculiar de "trinchar um galináceo", mas tanto o frango, sogras e esposas, permanecem no mundo, não desaparecem, independentemente do modo em que cortarem as aves; para a nossa sorte ou azar.

Tudo depende da perspectiva e dos objetivos assumidos pelos "cozinheiros" ou "pragmaticistas". Em várias situações temos "cozinheiros pragmaticistas" e "pragmaticistas cozinheiros", mas o que deve "entornar o caldo" é quando temos um "político pragmaticista cozinheiro" (ou o inverso). Creio que a Ciência esteja tão envolvida

com posicionamentos ético-políticos que o Trofim Lysenko, Diretor do Instituto de Genética da URSS, convenceu Joseph Stalin de que a genética baseada nas leis de Mendel e empregada nos países ocidentais era uma ciência "burguesa" e "capitalista", portanto, incompatível com o sistema socialista.

"A linguagem é política de cima para baixo. Esta é a mensagem central do livro *Language and Politics* de John Joseph. Para que não se perca o impulso da ousada tese do autor, notemos imediatamente: Joseph não está dizendo que a linguagem tem, além de tudo o que se acredita, uma dimensão política. Ao contrário, ele está dizendo que a linguagem é constitutiva e, portanto, indissociável politicamente. Ou, se preferir, a política está presente na própria genealogia da linguagem. Linguagem "é uma construção político-linguística-retórica" (...) " (Kanavillil Rajagopalan).

Creio que podemos "fazer" política com a Pragmática assim como podemos invocar a chamada "Judische Kopf" (Cabeça de Judeu). Afinal, a cultura judaica é uma "Cultura da Boca" (Ética e Higiene), e há uma longa tradição de autores judeus no caminho da Pragmática e da Educação. O mais conhecido, *Yahweh*, criou o universo com alguns atos de fala performativos: "Faça-se a luz; e foi feita a luz; faça-se o firmamento no meio das águas" etc e no sétimo dia Javé descansou de todo o trabalho que havia realizado. Creio que foi essa interrupção que inspirou o genro de Marx, Paul Lafargue, a escrever a obra "O Direito à Preguiça".

É interessante observar como Marcelo Dascal, Jacob Mey, entre outros, usam a intimidade da tradição judaica nas recontextualizações que realizam em seus estudos de Semântica e Pragmática. Dascal, por exemplo, apresenta o modelo da 'cebola de significância' (CS) enquanto visão do significado da elocução, constituído por diferentes camadas. Na verdade, a tradição cabalística afirma que a realidade existe em camadas, como uma cebola. Cada camada constitui uma dimensão do mundo e que pode ser decomposta pela análise criteriosa. Em termos linguísticos, os mundos sugeridos pelos mestres chassídicos podem ser traduzidos como: "O Aparente do Aparente"; "O Oculto do Aparente"; "O Aparente do Oculto", e o "O Oculto do Oculto". Pura Pragmática.

Em 1999 a colega Leocília Aparecida Vieira, hoje professora na UNESPAR, convidou-me para ministrar algumas aulas no IBPEX-Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão. Aceitei, pois eram aulas para cursos de Pós-Graduação ao nível de Especialização aos sábados e domingos em Curitiba. Não iriam interferir com as minhas atividades na UFPR, não eram frequentes e não houve vínculo

empregatício. Além disso, a legislação da época liberava o docente federal para atuar em atividades educacionais por um número determinado de horas. Enfim, foi uma experiência muito boa, pois ministrei algumas aulas no curso de Psicopedagogia (Psicolinguística) e no curso de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa (Linguística Textual). Nessas atividades tive contato com professores, pedagogos, diretores de escolas do ensino básico e foi admirável constatar a criatividade desses mestres na “arte” de superar as dificuldades que os governos lhes impõem. Muito do que realizei e realizo na UFPR hoje, como docente ou gestor, decorre dos vínculos que iniciei nesse período com esses verdadeiros “heróis nacionais”.

Algumas dessas experiências passadas ainda estão “frescas” na memória. Estava em uma cidade próxima de Curitiba. Aula de Linguística Textual para professores de Língua Portuguesa do ensino básico e médio. Sábado pela manhã. Mal entrara em sala e a responsável local pelos cursos bate à porta: -“professor, estou com uma emergência aqui. O professor de Matemática que iria trabalhar com a outra turma não apareceu. O senhor pode juntar as duas turmas?”.

Síndrome do pânico imediata, pois sou tão ignorante com os números que não conversarei com o Divino quando ele retornar à terra. É que naquele momento eu lembrei de uma frase de Leibnitz citada pelo professor Rajagopalan: “Deus irá empregar os símbolos matemáticos para se comunicar com os homens em sua volta triunfal”. Mas, não tive outra saída e juntei as duas turmas para evitar que os professores de matemática, a maior parte oriunda de outras cidades, perdesse o dia. Reiniciei a aula, agora com algumas alterações feita às pressas em cima do plano inicial. Usei exemplos com o emprego de símbolos matemáticos dados pelo Stephen Levinson em suas análises lúcidas e abrangentes dos temas centrais da pragmática (dêixis, implicatura, pressuposição, atos de fala e estrutura da conversação etc). Depois do intervalo para um café, retornamos à sala. De repente, berros! Um dos professores estava com um enorme sapo nas mãos. Com certeza o batráquio entrara sorrateiramente na sala enquanto estávamos ausentes. Considerei um bom presságio a presença do “sapinho” (o maior que vi em minha vida). Até hoje, aqui na UFPR, uso as estratégias que desenvolvi nesse episódio para as aulas de Comunicação e Linguagem; obviamente, os sapos estão sobre a minha escrivaninha (tenho uma coleção deles).

Fora o inusitado dos acontecimentos, ainda recebo e-mails de muitos professores que conheci e leio as informações de que a competente professora Nádia Barros concluiu o seu Mestrado e agora tenta o Doutorado com as suas "belas narrativas". O poeta Jorge, que tem necessidades especiais, concluiu o seu mestrado e fez uma singela dedicatória em seu trabalho: "Ao Prof. Dr. Jair Ant3nio de Oliveira, da Universidade Federal do Paran3, pela ajuda imediata no momento certo, pela presen7a – apesar da dist3ncia". Desse tempo, tamb3m, vem a amizade fraterna com a professora Gl3ucia da Silva Brito, atualmente Chefe do Departamento de Comunica73o da UFPR.

As pequenas atitudes refor7am a minha convic73o de que o professor em sala de aula continua sendo a figura chave para a transforma73o futura do aluno. Assim como no livro, "O Deus das Pequenas Coisas", 3 poss3vel observar nas palavras de A. Roy: "o mais insignificante dos acontecimentos, a menor das vergonhas, a mais banal conversa, podem levar a trag3dias familiares sem precedentes". Enfatizo isso num momento em que o professor da gradua73o 3s vezes 3 considerado um mero "dador de aulas" e o foco do ensino superior pende para a P3s-Gradua73o. Internamente, em algumas universidades, h3 uma hierarquia entre os docentes da gradua73o e da P3s, como se a pesquisa inexistisse no primeiro momento, ou s3 passe a valer realmente quando o aluno fizer um mestrado ou doutorado. O fato 3 que ambas, as atividades, s3o importantes e uma depende da outra.

Em 1999 iniciei a minha participa73o nos eventos da Sociedade Brasileira de Estudos da Comunica73o – INTERCOM, no Grupo de Trabalho de Rela73es P3blicas. O XXII congresso de estudos da Comunica73o no Brasil ocorreu no Rio de Janeiro, onde apresentei comunica73o intitulada "A Macropragm3tica da Comunica73o". Na 3poca, pensava em estabelecer uma "metodologia" para a "Macropragm3tica" (posteriormente, abandonei o termo e a ideia de estabelecer um procedimento padr3o para investigar o uso da linguagem). De qualquer modo, elaborei alguns procedimentos a serem seguidos pelo falante/ouvinte durante as intera73es, a fim de atender o que disse Mey (1993): os textos s3o partes da 'imensa f3brica social', na qual n3o apenas as palavras est3o entrela7adas, mas os atos e a vida humana. Recentemente, o professor Manoel Carlos Chaparro prop3s retomarmos o termo "Macropragm3tica" para uma pesquisa sobre o "Jornalismo no S3culo XXI".

Não sou testemunha de ninguém, mas amigos, "Testemunhas de Jeová", previram o Apocalipse para o ano 2000. Não comprei velas esperando o fim do mundo, mas tratei de defender a minha Tese um ano antes. Como o problema do ano 2000, o Bug Y2K (termo usado para se referir à tribulação prevista para ocorrer em todos os sistemas informatizados) não aconteceu, eu prossegui participando dos encontros anuais do INTERCOM. Desta vez, em Manaus, AM. Pelo sim pelo não, o meu interesse pela Polidez Linguística se intensificou na ocasião, e hoje é um dos meus interesses principais em termos de pesquisa. Durante o XXIII congresso apresentei o artigo "A Polidez na Comunicação Organizacional". Os textos selecionados para apresentação sempre foram publicados integralmente depois.

Outra boa experiência que tive como professor de curso de especialização ao nível de Pós-Graduação aconteceu no próprio DECOM/UFPR no ano 2000. Por iniciativa da professora Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, teve início o Curso de Especialização em Tecnologias na Educação. O único realizado até agora no DECOM e ponto de partida para a criação do PPGCOM. Com a competente professora Rosa Maria, ora afável, ora enérgica, tivemos muitos embates sobre questões institucionais; deixados de lado quando provávamos os bolos deliciosos que nos trazia nas reuniões.

Particpei no ano de 2000 no processo de escolha de candidatos a Bolsas de Doutorado na Alemanha pelo Programa DAAD/CAPES/CNPq, realizado no Instituto Goeth em Curitiba, como representante do DECOM. A escolhida para a vaga de Jornalismo foi Liriam Sponholz, ex-aluna da UFPR. Neste ano, também fui membro da Comissão Científica do 1º Congresso de Humanidades, realizado na UFPR.

Entramos em 2001. Á salvo do Bug do Milênio participei do XXIV Congresso do INTERCOM, na cidade de Campo Grande (MS). O título do trabalho selecionado para o GT de Comunicação Organizacional foi: "(Não) Cooperação na Comunicação Organizacional". Foi nesse evento que fomos premiados na categoria História em Quadrinhos, já citado.

Em 2001 fiz minha primeira viagem internacional para participar de um congresso a convite da professora Rosa Maria Dalla Costa, que pertencia à diretoria do INTERCOM e foi uma das organizadoras da conferência *VI Éme Congrès Franco-Brésilien SFSIC-INTERCOM*, realizado na cidade de Poitiers/França. A minha exposição no evento foi o início de uma incursão pela "Não-Cooperação no Fazer Jornalístico". Neste trabalho, mantive intacto o arcabouço da teoria

griceana, mas o propósito de pesquisar a “Não-Cooperação”, timidamente iniciada no Doutorado, já era o de ampliar a desconstrução do Princípio de Cooperação e das Máximas Conversacionais propostos por H.P. Grice.

Em 2002 realizei o curso de “Capacitação de Avaliadores de Cursos de Graduação” do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP/MEC. Na sequência, fui convocado pelo INEP e realizei uma avaliação institucional, mas desisti ao ser convocado pela segunda vez: essa atividade, na época, consumia três dias de trabalho e isso conflitava com os horários de minhas aulas na Federal.

Particpei em dois congressos com apresentação de trabalhos em 2002. O primeiro foi o V CELSUL que aconteceu em Curitiba (UFPR). O segundo evento foi o XXV Congresso do INTERCOM na cidade de Salvador (BA). Apresentei o tema: “A Pragmática das Relações Públicas”. Pelo que constatei depois, foi o primeiro artigo publicado no Brasil envolvendo a Pragmática Linguística e as Relações Públicas.

Durante o encontro do CELSUL, realizado em Curitiba, fui convidado por um dos editores da Revista “Linguagem e Discurso” (ISSN 1518-7632), publicada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da UNISUL, para integrar o corpo editorial. Permaneci no quadro de 2003 a 2008. Entre os anos 2002 a 2009 também integrei o corpo editorial da Revista de “Estudos da Comunicação” (ISSN 1518-977/e-ISSN19828675) publicada pelo curso de Comunicação Social da PUC/PR. De 2013 a 2016 integrei o corpo editorial da Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas – ORGANICOM (ISSN 1807-1236).

Fui membro externo à UTP em Banca Examinadora de Mestrado no ano de 2002 e integrante do Comitê Científico do XXIII Congresso Brasileiro de Turismo, realizado em Curitiba.

Em 2003 participei do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-INTERCOM na cidade de Belo Horizonte (MG). Apresentei artigo intitulado “A Estratégia da Mentira na Comunicação organizacional”. A “pura” verdade é que em 2003 ganhei uma bolsa integral na UNINTER para realizar o curso de Especialização, ao nível de Pós-Graduação, em Psicopedagogia. As aulas foram no período noturno e vários colegas da UFPR, especialmente do Setor de

Educação, estavam presentes. Foi uma ótima experiência e grande auxílio para as minhas atividades futuras como Coordenador de Curso.

O contato inicial com o *Institut de la Communication et nouvelles Technologies*/INTERCOM resultou em outro encontro na cidade de Porto Alegre (RS) em 2004. Foi o VII Colóquio Brasil-França de Comunicação, onde apresentei o artigo "Comunicação e Cultura: uma perspectiva pragmática". Melhorou a minha autoestima ler o parecer elogioso de aceite do texto feito pela professora da ECA/USP, Maria Immacolata Vassalo de Lopes, rigorosa em suas avaliações. Concomitantemente, realizou-se o XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação onde apresentei o texto "A Linguagem nas Organizações: Em Busca do Paraíso Perdido".

Também em 2004 iniciei o Pós-Doutorado na Unicamp sob a supervisão do professor Kanavillil Rajagopalan e desenvolvi o Projeto "Pragmática do Discurso Midiático: ética e estética das designações jornalísticas". Fui o primeiro professor do DECOM a realizar um Pós-Doutoramento; aperfeiçoamento necessário a ser realizado por todos os docentes (Parecer nº 196/03 da Congregação do IEL referente aprovação da Hospitalidade Acadêmica). Enquanto estava liberado para o Pós-Doutorado participei do I Simpósio Internacional de Análise do Discurso, na cidade de Brasília, com apresentação e publicação integral de artigo.

Penso que 2004 foi o ano em que ingressei na Pós-Modernidade: "*incrédulité face aux grands récits*" (Lyotard), pois o Pós-Doutorado é uma condição única, semelhante àquele "momento" em que o moço Ludwig Wittgenstein, diante de tantas incertezas, entregou um ensaio que escreveu durante as férias para Russel e perguntou se deveria continuar na Filosofia ou era um idiota. Obviamente, eu não ousei perguntar nada ao professor Rajagopalan, pois a resposta provavelmente seria diferente daquela dada pelo filósofo ao futuro autor de *Investigações Filosóficas*. Depois, nesse ano fatídico, morreu Leonel Brizola e Jacques Derrida. Na aflição, decidi que a partir dessas circunstâncias só usaria a 'forma narrativa' em meu ofício na universidade, pois chegaria a resultados mais proveitosos. Ademais, sem esperar uma solução, reconheço a minha incapacidade plena em lidar com o "Tratado", isto é, com a Ciência em sua concepção convencional: austera, objetiva, sistemática, perene. O seu caráter enxuto resulta no esvaziamento de todo resquício de subjetividade e, o rigor interno, obedecendo às leis de determinada lógica, é considerado indefectível.

Folgo em saber que as organizações usam a “Contaço de Histórias” (*storytelling*) hoje como uma estratégia de *marketing* para lançar produtos ou fidelizar clientes. E, nas Relações Públicas, as narrativas são usadas para a promoção da humanização nas organizações. Com essas estratégias, o objetivo dos Relações Públicas é desenvolver um sentimento de pertencimento, contextualizar a participação do colaborador e garantir ‘voz’ a ele no ambiente em que trabalha. Em outras palavras, que o Sujeito possa criar e vivenciar a cultura da organização.

No contexto jornalístico não é diferente, pois desde a década de 70, com o surgimento do chamado ‘Novo Jornalismo’, as técnicas não convencionais na época, próprias do uso literário, são empregadas atualmente pelas mais diversas mídias. Em um artigo intitulado “É Sério?! O Humor no Jornalismo”, que publiquei na Revista D.E.L.T.A, faço o seguinte comentário:

“(...) A convergência ocorre também entre a poesia épica e o jornalismo moderno no plano dos conteúdos, ou seja: a obra atribuída a Homero é constituída de uma narrativa de acontecimentos que incluem a história, a literatura, linguagem, geografia, heróis, fatos e personagens, a qual influenciou a cultura clássica e foi discutida e estudada como parte da educação básica grega. O jornalismo investigativo compõe relatos investigando acontecimentos, apurando, compilando histórias, lugares, figuras apolíneas. Não há oposição entre a experiência poética (emoção, paixão, riso) e a ciência (*episteme*), entre o *logos* (razão) e o mito: ambos versam sobre ações e eventos envolvendo pessoas.

Adiante, irei ressaltar “(...) que o emprego do humor nos relatos noticiosos quase sempre resulta em desconsideração da veracidade do próprio texto; que é reputado como uma brincadeira, algo ‘não sério’, que não é digno de confiança, um equívoco, mau gosto, má fé, às vezes incompetência do articulista ou uma imitação. Em outras palavras, ainda vigoram na atualidade os resquícios da condenação filosófica que Platão fez à poesia, comédia, tragédia e às emoções ‘grosseiras’, afastadas da verdade.

Quando disse, no texto: (...) “Ao Diabo o Humor”, apenas critiquei a ideia de que o Sagrado “é sério” e nenhum Deus respeitável será retratado com os dentes à mostra. O riso, associado ao humor, é zombaria ímpia e sacrílega e nessa tradição torna-se uma cláusula pétreia nos relatos evangelizadores. Na lógica maniqueísta desses pensadores, o diabo (a imperfeição) é responsável pela corrupção, e todo texto, toda conversa que der vazão ao humor, representa o desequilíbrio e pode convergir para a desordem. Assim, pela força de Platão ou da Inquisição, o texto respeitável é sóbrio”!

Essas citações ressaltam a opção que fiz pelo uso da “Contaçon de Histórias nas Organizações (Narrativa)”, o debate entre o “Sério X Não-Sério (Tratado X Humor e Poesia),” os aspectos relacionados à “Não-Cooperação na Comunicação” e, particularmente, a relação “Ética X Política”. Aspectos que estão, todos, intimamente relacionados quando o assunto é “A Verdade”.

“(…) O leitor cooperativo (o leitor/ ouvinte devidamente informado sobre as convenções narrativas) agirá, no momento da leitura ou no momento em que está assistindo/ouvindo um relato noticioso, no sentido de apreender a força ilocucionária expressa pelo jornalista e legitimar o acontecimento/fato como algo verdadeiro e real. Ainda, por força das convenções, o leitor/ouvinte pode ser induzido a desconsiderar tal fato como verdadeiro e real se algumas das características atribuídas ao humor estiverem presentes no relato. Isto é: uma asserção pode contar com uma força ilocucionária que irá despertar a resistência ou a desconfiança em relação ao “tom de verdade” do comunicador. Neste caso, o interlocutor oscila entre: a) compreender a intencionalidade jornalística, isto é, o “tom de verdade”, característica do relato noticioso, mas não compreender a intenção comunicativa do jornalista, que pode ser diferente (expressa pelo uso do humor); b) compreender a intenção comunicativa do jornalista (expressa pelo uso do humor) e levantar dúvidas em relação ao “tom de verdade” do relato; c) não compreender o “tom de verdade” da notícia nem a intenção comunicativa do jornalista pelo fato de o humor estar presente no relato noticioso. O que leva a um impasse em torno do que se quer dizer com o que é dito, isto é: como o jornalista quer ser entendido com o que disse! Qual é o “tom” a ser seguido pelo jornalista para que o leitor legitime o seu relato como “verdade”? (Oliveira, J.A.).

Prosseguindo com o gerundismo: em 2005 participei do IV SENALE, Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino, promovido pela UCPel. Apresentei o texto: “A Pragmática em Sala de Aula”, publicado posteriormente. Ainda nesse ano, por iniciativa do vereador Jorge Bernardi (PDT), recebi da Câmara Municipal de Curitiba a distinção honorífica “Mérito Fernando Amaro”, pelo destaque alcançado com a minha produção poética.

O DECOM ainda não possuía uma Pós-Graduação em 2005, mas junto com o professor Talvani Lange, do curso de Publicidade e Propaganda, criamos o Grupo de Pesquisa MEDUC – Mídia, Linguagem e Educação, registrado na UFPR e no CNPQ e em funcionamento ininterrupto até os dias de hoje. Continuo como o líder do grupo e o vice-líder atual é o professor Itanel Quadros de Bastos Júnior, do curso de Publicidade e Propaganda. Aposentado recentemente, culto e voraz leitor de história, o professor Itanel Quadros mantém o vínculo com o MEDUC e há pouco tempo atrás desenvolveu um Projeto Gráfico e a criação do Logotipo para o novo curso de Relações Públicas.

Em 2006 fui novamente à França participar do “*8ème colloque Brésil-France Etat, Culture et Communication*”, na cidade de Grenoble. Nessa ocasião, apresentei o texto “A Ética e a Estética da Comunicação Pública no Brasil”. A sonoridade da língua francesa encanta-me desde os tempos de estudos ginasiais no Colégio Victor do Amaral. Tínhamos aula de Francês com madame Juliane. A Lei nº5692/71, resultado do acordo MEC/USAID, mudou a organização do ensino no Brasil. As escolas públicas de ensino médio passaram a oferecer, obrigatoriamente, o ensino profissionalizante. Aboliu-se a língua francesa, e o “Tio Sam fincou os pés no Brasil”. De passagem por “*La Ville-Lumière*” aprendi que não se deve falar em inglês com um parisiense e de um livro de Nuno (2007), soube que António, o Santo, dotado de um imenso senso de humor, também andou pela França; onde fez um “Sermão aos Sapos” que perturbavam os alunos do frade professor no convento franciscano de Montpellier.

Sempre há alguém que nos faz a pergunta: “É importante participar de congressos, conferências, simpósios?” O contato com outros professores, pesquisadores, curiosos, a exposição oral do trabalho, o *feeling* com a reação do público, os *insights* que temos com as falas dos demais expositores etc, têm impacto em nossa vida diária em sala de aula e, apesar de a internet “aproximar” as pessoas, o “face a face” é vital. Ali, no evento, o “boca a boca” é um ato de fala único, singular, orgânico, proferido nas circunstâncias e jamais será igualado pelo computador.

E 2007 foi um ano especial em minha vida acadêmica. Recebi um convite para participar de um congresso com apresentação de trabalho na Polônia. O evento foi o “*I Political Linguistics*”, organizado pelo *Institute of Applied Linguistic/ University of Warsaw*. Apresentei o artigo “*The Aesthetics of Politeness in Lula da Silva Speeches*”. Uma das pessoas que assistiu à minha exposição foi o professor Piotr Kazimierz Cap, Chefe do Departamento de Pragmática da Universidade de Lodz. Posteriormente, conversamos, e o professor Piotr contou-me que o seu departamento organiza frequentemente eventos relacionados à Pragmática e sobre o Humor. Desde então, vou anualmente à terra dos meus bisavôs maternos; pois ao lado do simbolismo que isso significa para mim, a Pragmática e o Humor ocupam um espaço privilegiado no “barco” polaco (na língua polonesa ‘Lodz’ significa ‘barco’).

Na sequência, 2008, participei do evento "*New Developments in Linguistics Pragmatics*" na cidade de Lodz com o trabalho "*Politics of Pragmatics*". Os deslocamentos para a Polônia, as despesas com passagens aéreas e terrestres são de minha responsabilidade, haja vista a precariedade de recursos disponíveis na UFPR para tais fins. Trata-se de um problema menor em virtude do retorno positivo que a participação nos congressos garante. Com o contato frequente com os professores locais, Monika Kopytowska, Joanna Nijakowska e Piotr Cap, conheci muito sobre o sistema educacional polonês. Aliás, a jornalista Amanda Ripley, no livro "*As Crianças Mais Inteligentes do Mundo*", destaca a Polônia como uma das superpotências da educação ao lado da Finlândia e Coreia do Sul.

"Polidez e Identidade: a virtude do Simulacro" foi a palestra que fiz em 2008 durante as "Atividades Científicas-Culturais do IEL", Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Na sequência, alguns eventos significativos que participei:

- 2009: "Race, Religion and Representation". Local: Universidade de Lodz, Polônia. Apresentação: "*Non-Cooperation in Journalism Performance*".

- 2010: "1st International Symposium-LAFAL –Linguistics Approaches to Funniness, Amusement and Laughter". Local: Universidade de Lodz, Polônia. Apresentação: "*The (Non) Place of Humor in Political Journalism Discourse*".

- 2011: "MCC – Meaning, Context and Cognition". Local: Universidade de Lodz, Polônia. Apresentação: "*The Non-Place of Politeness in the Twittersphere*".

- 2012: "I workshop Internacional de Pragmática". Local: Universidade Federal do Paraná, Brasil. Apresentação: "Vai uma Graxa aí, Doutor? Pragmática e Violência no Brasil".

- 2012: "Talk, Action, Interaction". Local: Universidade de Lodz, Polônia. Apresentação: "*The Messianism Faces in Brazilian Political Discourse*".

- 2012: "XXI Encontro Anual da COMPÓS" (Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação). Local: UFMG, Juiz de Fora. Apresentação: "*Comunicação Organizacional Crítica e a Crítica da Comunicação Organizacional*".

- 2012: "Meio Século de Teoria dos Atos de Fala: Austin e seus Leitores". Local: IEL/UNICAMP. Apresentação: "*A Linguagem Performativa do Jornalismo*".
- 2013: "1st Sosnowieck Symposium Communication Across Cultures" Local: University of Silesia (Sosnowieck), Polônia. Apresentação: "*Pragmatics of Brazilian Politeness: the voices of violence and cordiality*".
- 2013: "XXII Encontro Anual da COMPÓS (Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação)". Local: UFBA, Salvador, Bahia. Apresentação: "*Pragmática da Comunicação Organizacional*".
- 2013: "Seminário de Comunicação Organizacional: dimensões teóricas, humanas e discursivas". Local: UFMG, Belo Horizonte. Palestra: "*Linguagem, Reflexividade e Diálogos nos Espaços organizacionais*".
- 2013: "International Conference on Communication Styles". Local: Krosno State University, Krosno, Polônia. Apresentação: "*Stories Behind Stories: Communication and non-cooperation in journalism*".
- 2014: "*III Political Linguistics*". Local. Universidade de Varsóvia, Polônia. Apresentação: "*The Pragmatics of Journalistic Power: the (des) construction of resistance*".
- 2014: "II Workshop Internacional de Pragmática". Local: UFPR, Curitiba. Apresentação: "*A Polidez no 'Jeitinho Brasileiro*".
- 2014: "Debate promovido pelo Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade". Local: UEPG. Simpósio com o Professor Kanavillil Rajagopalan. "*Conversando Sobre Pragmática e Comunicação*".
- 2015: "ICA- International Communication Association: Lodz Regional Conference". Local: Universidade de Lodz. Apresentação: "*Are You Serious? Humour in Journalism*".
- 2015: "7th Lodz Symposium NDLP" (logo após o Congresso da ICA). Local: Universidade de Lodz. Participação: ouvinte.
- 2015: "The Second international Conference on Communication Styles". Local: Krosno State University, Krosno, Polônia. Apresentação: "*Theories (without) Humor in Print Journalism*".

- 2016: "Participatory Culture and the Future of Democracy". Local: Jagiellonian University, Krakow, Polônia. Apresentação: "*(Non) Cooperation in Online Communication*".
- 2016: "4th International Symposium Theoretical Issues in Humour". Local: Universidade de Lodz, Polônia. Apresentação: "*Sympathy and Humour in the Brazilian Way*".
- 2017: "8th Lodz Symposium NDLP". Local: Universidade de Lodz, Polônia. Apresentação: "*Non-Cooperation as a Rule for Communication*".
- 2018: "Theoretical and Empirical Perspectives on Events and Narratives". Local: Universidade de Lodz, Polônia. Apresentação: "*Fake News and/or Misleading Advertising?*"

Aproveitei a minha estada nessa cidade para visitar a Escola de Cinema de Lodz e encaminhar expediente do atual Reitor da UFPR com o objetivo de estabelecer algum convênio ou intercâmbio entre as instituições de ensino. A Escola de Cinema de Lodz está na lista das melhores escolas no mundo nessa área. Por lá passou: Andrzej Wajda (*Ashes and Diamonds, Katyn*), Krzysztof Kieslowski (*The Decalogue*), Jerzy Skolimowski (*Torrents of Spring*), Roman Polanski (*The Pianist*).

- 2019: "The Future of Media, Mediatization, Journalism and Communication". Local: Universidade Kazimierza Wielkiego, Bydgoszcz, Polônia. Apresentação: "*(Re) seeing fake news and misleading advertising (Pragmatics of Journalistic Cooperation)*".

Os textos apresentados nos congressos são publicados nos anais dos eventos. Com a finalidade de reuni-los em um único local uso a plataforma <https://www.academia.edu/>. Procedimento que observei ser usual entre os professores poloneses devido ao alcance desse site eletrônico com 30 milhões de acesso por mês. Muitos professores brasileiros têm ressalvas em relação aos sites eletrônicos que não têm Comitê Editorial; pois assim não irão pontuar pelos critérios da CAPES, CNPQ e outros órgãos de fomento da pesquisa local. Em minha perspectiva, mais importante que obter "pontos" em alguma classificação é que o texto "circule" e as pessoas conheçam, critiquem, colaborem, e coloquem em ação as ideias apresentadas.

Além dos trabalhos publicados integralmente nos Anais dos Congressos tenho alguns **artigos editados**:

"O que se pode dizer pode ser dito claramente; e aquilo de que não se pode falar tem de ficar no silêncio" (Ludwig Wittgenstein).

- "**Breve História da Ironia**" (Revista Fragmenta/UFPR);
- "**Os Atos de Fala Impositivos Irônicos**" (Revista Tecnologia & Humanismo/UFTPR);
- "**Fardas, Bicicletas, e os Atos Irônicos**" (Uniletras/UEPG);
- "**Ironia, Eis a Questão**" (Uniletras/UEPG);
- "**Em Busca da Palavra Útil**" (Uniletras/UEPG);
- "**O 'Nhenhenhem' de Grice Sobre a Ironia**" (Revista de Letras/UFTPR);
- "**Um Pun Não Intencional : Jokes and Pragmatics**" (Uniletras/UEPG);
- "**Polidez: A Virtude do Simulacro**" (Uniletra/UEPG);
- "**O Contexto da Pragmática**" (Uniletras/UEPG);
- "**A Pragmática como Instrumento de Análise do Fazer Jornalístico**" (Revista de Ciências Humanas/Florianópolis);
- "**A Retórica da (In)Compreensão**" (Revista Tecnologia & Humanismo/UFTPR);
- "**Pragmática das Relações Públicas**" (Biblioteca Online de Ciências da Comunicação/Portugal);
- "**Polidez e Identidade**" (Biblioteca Online de Ciências da Comunicação/Portugal);
- "**A In-Tensão na Internet**" (Biblioteca Online de Ciências da Comunicação/Portugal);
- "**A Ética e a Estética na Comunicação Pública Brasileira**" (Revista Líbero/Casper Líbero);
- "**Por uma Comunicação Organizacional 'Mestiça'**" (Biblioteca Online de Ciências da Comunicação/Portugal);

- **"A Estética da Polidez no Discurso de 'Lula' da Silva"** (Biblioteca Online de Ciências da Comunicação/Portugal);
- **"Politics of Pragmatics"** (Biblioteca Online de Ciências da Comunicação/Portugal);
- **"The Non-Cooperation in Journalistic Performance"** (Biblioteca Online de Ciências da Comunicação/Portugal);
- **"Os Sentidos da Linguagem"** (Revista ORGANICOM/USP);
- **"Impoliteness: Transgressão e Construção Identitária"** (Biblioteca Online de Ciências da Comunicação/Portugal);
- **"The Non-Place of Humor in Political Journalistic Discourse"** (Biblioteca Online de Ciências da Comunicação/Portugal);
- **"Pragmática & Comunicação"** (Revista Linguagem em Foco/PPGL/UECEARÁ);
- **"A Ética da Exclusão"** (Revista PsicopedagogiaOnLine);
- **"The Non-Place of Politeness in the Twittersphere"** (Biblioteca Online de Ciências da Comunicação/Portugal);
- **"Pragmática da Exclusão:a inveja nossa de cada dia"** (Revista PsicopedagogiaOnLine);
- **"Linguagem e Ação nas Relações Públicas Comunitárias: Políticas do Cotidiano"** (Revista de Estudos da Comunicação/PUC/PR);
- **"Pragmática, Polidez e Violência no Brasil"** (Revista Encontros de Vista/UFRPE);
- **"Comunicação Organizacional Crítica e a Crítica da Comunicação Organizacional"** (Biblioteca Online de Ciências da Comunicação/Portugal);
- **"A Pragmática do Des)Entendimento"** (Revista Psicopedagogia OnLine);
- **"A Linguagem Performativa do Jornalismo: contra fatos há argumentos"** (Revista Líbero/Casper Líbero);
- **"Implicações Sociais e Políticas da Comunicação Organizacional: para quem é a teoria?"** (Revista Famecos/PUCRS);

- **“É Sério?! O Humor no Jornalismo”** (Revista D.E.L.T.A./PUCSP);
- **“Pragmática da Interação”** (Editora Letra Magna/SP);
- **“Verbete com dados de Produção na área da Pragmática”** (Bibliography of Pragmatics Online/John Benjamins);
- **“Comunicação e Educação: uma perspectiva Pragmática”** (versão sintetizada do *pocketbook* publicado com o mesmo título). (Biblioteca Online de Ciências da Comunicação/Portugal).

Alguns capítulos de livros:

- **“A Linguagem Performativa na Comunicação Organizacional”**. In: Comunicação, Discurso, Organizações. Editora Difusão, SCS/SP;
- **“Ação e Linguagem nas Relações Públicas Comunitárias”**. In: Relações Públicas, Faces e Interfaces. Editora Unesp;
- **“A Pragmática em Sala de Aula”**. In: Linguagem e Exclusão (Série Linguística em Focus). Universidade Federal de Uberlândia;
- **“(RE) Vendo a Linguagem: uma análise crítica da comunicação organizacional”**. In: Linguagem, Gestão e Perspectivas. Editora Saraiva, SP.
- **“Jornalismo e Relações Públicas: a conciliação (im)possível”**: In: Jornalismo e Relações Públicas: ação e reação. Mauad Editora, RJ.

De 2010 a 2016 estive no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) onde ministrei disciplinas e orientei 08 (oito) alunos. Foi um período interessante com os orientandos, pois demos um impulso ao Grupo de Pesquisas MEDUC-Mídia, Linguagem e Educação, com reuniões semanais, leituras e questionamentos sobre os rumos e temas da Comunicação e da Pragmática.

Além das orientações e participação nas bancas do PPGCOM, também participei de outras bancas de Mestrado (12) e Doutorado (5), sendo duas no IEL/Unicamp com o professor K. Rajagopalan, I. Signorini, L. Marcuschi, I. Koch e J. Romualdo.

Em 2016 fui agraciado com uma Bolsa para participar do *"Professional Training: Poland in the Heart of European History"* organizado pelo *Institute of National Remembrance, Polônia*. Infelizmente, recebi o comunicado apenas alguns dias antes do início do curso, o que inviabilizou a minha participação.

Os trabalhos dos meus orientandos no PPGCOM/UFPR foram:

- Halina Pavanelli Silva: *"A Pragmática da Comunicação- uma análise do politicamente correto da literatura infantil"*;

- Juliana da Rocha Pedroso: *"O Discurso Jornalístico do Meio Ambiente pela Lente da Pragmática"*.

- Anne Carolina Festucci: *"Um Olhar Pragmático sobre o Discurso Publicitário do Programa Água Boa da Usina de Itaipu"*.

- Gabrielle Staniszewski: *"Configurações do Processo Comunicativo da Leitura sob um Olhar Pragmático"*.

- Humberto da Cunha Alves de Souza: *"Identidades Gays como Ato Performativo nas Práticas Comunicativas no Facebook"*.

- Fabiana Pelinson: *"A Polidez na Comunicação do Preconceito no Contexto Educacional"*.

- Naiara Longhi: *"Os (Rel) Atos Jornalísticos sobre O Instituto Federal do PR nas páginas da Gazeta do Povo- uma análise pragmática"*.

- Francieli Aparecida Traesel: *"O (Não) Sério e as Organizações Públicas: uma perspectiva pragmática sobre o uso do humor na fanpage da Prefeitura Municipal de Curitiba"*.

Deixei, a pedido, o PPGCOM, pois há momentos em que "é melhor não fazer nada do que transformar algo em nada", ou seja: era necessário repensar e melhorar o meu desempenho como professor na Pós-Graduação com o objetivo de obter maior impacto social com as dissertações do mestrado. Obviamente, as pesquisas realizadas pelos mestrandos que orientei tinham esse propósito e, se não foram mais efetivas, a responsabilidade foi exclusivamente minha. Ressalto o trabalho realizado pela mestranda Francieli Traesel, pontual para mostrar como os órgãos públicos ainda não possuem uma metodologia/estratégia para lidar com o "humor" em seus projetos de comunicação com o público interno e externo. Também, a dissertação bem articulada do mestrando Humberto Souza, que continua a estudar

e a empregar a pragmática em seu doutoramento na UFTPR e nas estratégias de comunicação do Grupo Dignidade; a dissertação da aluna Naiara Longhi (a melhor professora que tivemos no Estágio Docência).

Após deixar o PPGCOM assumi a COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA do novo curso de Relações Públicas, mandato encerrado em junho deste ano (2017-2019). Fui REELEITO para o próximo biênio (2019-2021).

Não pretendo solicitar a minha aposentadoria por tempo de serviço (embora já tenha o tempo necessário), pois considero a “sala de aula como a minha *catarse*”. Tão logo seja possível, irei solicitar o meu retorno ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR. Atualmente, a minha colaboração com a pós-graduação é a participação em bancas de defesa de dissertações e nas questões referentes ao Estágio-Docência feito pelos mestrandos nos cursos de graduação. Recentemente, participei da banca que apreciou o trabalho “Identidade Polono-Brasileira em São Mateus do Sul” e atuei como parecerista *Ad Hoc* para a Revista Ação Midiática do PPGCOM.

Também atuei como Consultor em Processo de Avaliação de Projeto de Pesquisa da UFPR (Coordenação de Iniciação Científica e Integração Acadêmica) e fui o representante de área na Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná. Participei em 12 (doze) Bancas de Concurso Público de Provas e Títulos para a contratação de professores efetivos e substitutos no DECOM.

Considero relevante descrever alguns acontecimentos durante a minha gestão como Coordenador do curso de Relações Públicas (2017-19). O departamento (DECOM) era composto por um curso de Comunicação Social e três habilitações: Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. Após intensa pressão de instâncias superiores (MEC), pois o entendimento dos docentes era pela manutenção do antigo *status quo*, as habilitações se transformaram em cursos (a última turma de Comunicação Social encerrará as atividades no próximo ano). Com a devida alteração, ficamos com um departamento, quatro coordenações pedagógicas, e apenas uma secretária para o atendimento geral. Somente no final de nossa gestão (três meses antes do término) é que foram alocados servidores para todas as coordenações de curso. Isso gerou alguns problemas e “desvio de função”: os coordenadores fazendo atas, relatórios, enfim, toda a gama de atividades relativas à secretaria. Também, dificultou os trabalhos de acompanhamento por parte da COE e do Núcleo

Estruturante dos cursos, haja vista a necessidade de levantamento minucioso nas fichas individuais dos alunos.

É preciso ressaltar que, apesar de uma Resolução Interna permitir que os Coordenadores tenham redução em suas cargas horárias, isso não aconteceu em meu caso. Para atender a demanda dos novos alunos, a minha carga horária sempre ficou no limite estipulado (12 horas semanais em sala, além de orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso, estágios obrigatórios e não obrigatórios e, obviamente, as questões atinentes à Coordenação de curso). Nas últimas semanas do primeiro semestre de 2019, todos os esforços foram para o preenchimento de exaustivos questionários com dados do curso, informações sobre os alunos e equipamentos disponíveis, a pedido da Procuradoria Institucional da UFPR, em virtude da futura visita da Comissão de Avaliação de Cursos (MEC) para o reconhecimento oficial do novo curso de Relações Públicas.

Para o próximo biênio (2019-21) como Coordenador, professor, orientador e psicopedagogo (muito valeu realizar o curso de especialização nessa área para entender certos “problemas” de aprendizagem), fica a proposta (Ato de Fala Promessa) de iniciar um amplo trabalho de divulgação do curso de Relações Públicas para a comunidade local e, principalmente, para os gestores de comunicação das empresas da região. Afinal, somente dois cursos de Relações Públicas estão em funcionamento hoje em dia em Curitiba. Para um impulso nessa ideia, já articulamos com o CONRERP – Conselho Federal de Relações Públicas um evento de extensão na segunda semana de setembro de 2019 na UFPR com a presença do professor Manuel Marcondes do II CONRERP/RJ.

E, como já acentuei, são muitas as atividades que desenvolvemos na academia, tarefas corriqueiras, mas importantes, que não são mais lembradas ou nem devem ser registradas em nosso Currículo: reuniões Departamentais, reuniões do Setor (como Coordenador de Curso), reuniões da COE, reuniões do Núcleo Estruturante do curso, exarar pareceres para os pedidos feitos no DECOM ou no SETOR (SACOD), participação em Bancas de Avaliação de Estágios Probatórios, participação em Comissão de Recepção de Calouros, participação em Comissão de Alocação de Espaços no Setor, participação em Comissão para a escolha prévia de trabalhos acadêmicos para o Prêmio Expocom, participação como representante do DECOM na CRAPUF (Associação dos Professores do PR), redigir Memorial para apresentação diante de uma Banca, participação em Bancas de Avaliação de TCCs e

Dissertações, Projeto de Pesquisa, atender ao Grupo de Pesquisa, correção de provas, trabalhos, atender alunos (Coordenação de Curso), Feira das profissões etc.

Enfim, se no introito dessas Memórias começo pelo suposto uso vulgar, o meu nascimento; o arremate será pela agonia, não do eterno fim, mas da avaliação perante a Douta Banca. Folgo em pensar que desejei construir essas Memórias repletas com notas de rodapé. Mas Memórias não têm pés, só cabeças, então desisti. Errei ao não colocar em prática uma de minhas ideias para a Tese de Doutorado: fazer o relato e, gradativamente, ir aumentando o número de notas de rodapé, até que as mesmas fossem todo o texto. O que me apareceu inovação na época já fora usado pelos autores do “ultrarromantismo” alemão, cuja revista “*Iluminaris*” tinha, apenas, textos com notas de rodapé.

É que as notas de rodapé exercem um fascínio extraordinário em todos nós. Heródoto as adotou para explicar aos povos não gregos o sentido de certas expressões e, às vezes, eram mais interessantes que a própria narrativa principal. Os chineses com sua cultura milenar já as utilizavam com maestria construindo textos dentro de textos e criando um tipo de narração que só aparecerá modernamente. Na Cibercultura de hoje, as notas de rodapé são apenas “*links*”, ponteiros para outros registros, desinteressantes. Encerro, então, esta história sem as notas de rodapé; deixo-as para um futuro epitáfio. As palavras a serem usadas, emprestei-as de um velho Timbira: “E à noite nas tabas, se alguém duvidava, do que ele contava, prudente tornava: **MENINOS, EU VÍ**”.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ Progressão Docente Processo nº. 3416 Abertura 03/07/2019 Favorecido JAIR ANTONIO DE OLIVEIRA Unidade AC - Setor de Artes, Comunicação e Design Modalidade VERTICAL Nível atual Nivel IV - Classe D (Associado) Nível pretendido Nivel I - Classe E (Titular) Situação APROVADO.

